BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO BRASIL

ANO XXV

N.º 277

MARÇO

DE 1950

PANAIR
A FROTA BANDEIRANTE

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXV	MARÇO DE 1950	Número 277

Sumário

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS

Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho
O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo
O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior
Adubação verde para cafèzais — J. Teixeira Mendes
Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo
Culturas Acessórias na Fazenda de Café:
I — Feijão soja, fácil fontes de proteína — N. A. Neme
II — O Milho — G. P. Vilégas
III — Arroz Alimento Básico Tropical — H. S. Miranda
IV — Feijão — N. A. Neme
Cultura subsidiárias na fazenda de café:
I — A Cultura da mamonéira — Pedro Teixeira Mendes
II — A Mandioca — Edgard S. Normanha
A Broca do Café "Hypothenemus hampei" (Ferrari, 1867) — J. Bergamin
Expurgo de sementes de café infestadas pela broca do café "Typothenemus hampei" (Ferrari, 1867) com Bisulfureto de Carbono — J. Bergamin
Despolpamento — J. Aloisi Sobrinho
Melhoramento do Cafeeiro — C. A. Krug
A Saúde do Trabalhador Rural — Adalberto de Queiroz Teles Junior.
Distribuição Geográfica e classificação Botânica do Gênero Coffe com referência especial à espécie Arábica — Alcides Carvalho
Conservação do Solo em Cafèzal — J. Quintiliano A. Marques
Reerguimento da Lavoura Cafeeira de São Paulo — Pelo sombreamento — Rogério de Camargo
Restauração de Culturas Permanentes — William W. Coelho de Souza

RELAÇAO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)
SEGUNDO VOLUME — (esgotado)
TERCEIRO VOLUME: Municípios de: Andradina, Botucatú, Catanduva, Fernando Prestes, Guiara, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itú, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiaí, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogí Guassú, Nuporanga, Olímpia, Orlândia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pareira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Pôrto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.
QUARTO VOLUME: Municípios de: Araçatuba, Bela Vista, Biriguí, Cândido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguaçú, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi, Valparaizo.
QUINTO VOLUME: Municípios de: Assís, Avaré, Avaí, Cerqueira Cesar, Coroados, Dois Córregos, Dourado, Fartura, Gália, Garça, Ipaussú, Itajubi, Leme, Marília, Mirassol, Óleo, Ourinhos, Pirajú, Pompéia, Regente Feijó, Salto Grande, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São Carlos e Torrinha.
SEXTO VOLUME: Municípios de: Aguaí, Águas da Prata, Americana, Amparo, Analândia, Araras, Ariranha, Bernardinho de Campos, Bofete, Catanduva, Chavantes, Getulina, Guaraci, Lins, Monte Aprazível, Monte Azul do Turvo, Monte Mór, Nazaret Paulista, Pereiras, Pirajuí, Piranji, Pitangueiras, Presidente Prudente, Santa Bárbara d'Oeste, Santa Cruz, Palmeiras, Sertãozinho e Vera Cruz.
SÉTIMO VOLUME: Municípics de: Araraquara, Atibáia, Barra Bonita, Baurú, Bebedouro, Bernardino de Campos, Botucatú, Bragança Paulista, Brotas, Cabreúva, Caçapava, Cafelândia, Campinas, Capivarí, Conchas, Descalvado, F. Prestes, Guariba, Indaiatuba, Itapira, Itatiba, Itatinga, Itirapina, Jaboticabal, Jacareí, Jardinópolis, Jundiaí, Laranjal Paulista, Limeira, Patrocínio do Sapucaí e Sertãozinho.

ANUARIO ESTATÍSTICO DA S. S. C. — 1937 — 1938 — 1939 (esgotado) — 1940 esgotado) — 1941 — 1942 — 1943 — 1944 — 1945 — 1946 — 1947 — 1948.

Colaboração

CONSERVAÇÃO DO SOLO E REVESTIMENTO VEGETAL

Por Francisco Moacir Aires de Alencar
do Instituto Agronômico

I — INTRODUÇÃO

A lavoura de café, em São Paulo, tem tal preponderância sôbre as demais que até hoje serve de padrão na organização de nossas fazendas.

A lavoura algodoeira teve seu surto grandioso devido ao aparelhamento que a cultura cafeeira já deixara nas principais glebas do Estado.

A fazenda de café é ainda uma organização rural típica em São Paulo. Quasi nunca a exploração cafeeira se reduz pura e simplesmente ao cafèzal. Culturas acessórias como a do milho, do feijão, do arroz, das leguminosas para forragens são sempre praticadas para sustento da população rural que delas vive e do gado que lhe é indispensável.

Cada dia também se acentua a necessidade de haver mais de um produto a ser explorado, transformando-se a fazenda de café em propriedade mixta. E assim nela se instalam a cultura do algodão, da mandioca, etc.

É portanto, de interêsse do cafeicultor o conhecimento de todas as práticas que dizem respeito à conservação do solo, quer seja êste o do cafèzal ou o das demais partes de uma propriedade agrícola. Por isso o assunto do presente trabalho deve interessá-lo.

Há cêrca de meio século, um professor de Geologia da Universidade de Harvard, Nathaniel Sheler, escreveu ponderosas palavras que bem poderiam ter despertado a atenção dos responsáveis pelo destino das Nações, mas, infelizmente, não foram divulgadas e não tiveram a ressonância merecida na conciência dos povos: **"O homem e todas as formas de vida vivem do sol, das nuvens, do ar e da terra, através de uma película — a camada superficial do solo — indispensável e se imprópriamente tratada, perecível". (1).**

Devemos atentar nesta sábia advertência para medirmos a importância transcendental desta parte viva da superfície da terra que é o

solo pròpriamente dito, cuja espessura média não vai além de 30 centímetros, e de cuja integridade dependem os dois grandes reinos organizados da Natureza e o florescimento e estabilidade das civilizações.

E esta "película", tão frágil e de tão transcendente importância na vida dos seres, pode ser destruída totalmente, num breve espaço de tempo, por um traiçoeiro inimigo — a erosão acelerada.

Felizmente, hoje o homem dispõe de um conjunto de práticas, capazes de preservar indefinidamente a vida do solo. Empregam-nas os países mais adiantados da Terra.

No mundo, os Estados Unidos da América do Norte são hoje os pioneiros da luta contra a erosão. Vejamos um pouco da história do esfôrço dos americanos e como êles se organizaram para combater o inimigo.

George Washington, o pai da grande República do Norte, já presentia o perigo deste terrível agente de destruição. A 10 de Dezembro de 1799, 4 dias antes de seu passamento, escrevia da Casa Branca as últimas instruções ao administrador de sua propriedade em Monte Vernon — "As partes erodidas e desbarrancadas da Fazenda Muddy Hole, precisam ser niveladas e aplainadas, tanto quanto possível, cobertas com palhas, restos de estábulo, hervas daninhas, hastes de milho e qualquer outra espécie de detritos vegetais para evitar que se desbarranquem" (2). Vê-se nìtidamente a preocupação de Washington em cobrir a superfície do solo para defendê-lo da erosão. A mesma compreensão nota-se em Thomas Jefferson que em sua fazenda já fazia rotações de 7 anos, com o objetivo de melhorar a fertilidade do solo. Em cartas a Tristam Dalton em 1817, êle preconiza como obstáculo à erosão, a prática de fazer em cada sulco do arado um pequeno terraço, em vez de um escoradouro fácil para chuvas, mediante uma simples lavra, na direção oposta ao declive da terra .(2)

Após a Revolução, Patrick Henry já dizia em discurso frase tão significativa como esta: "O maior patriota é aquêle que mais evita a formação de grotas". (2)

Mas realmente esta história atinge o ponto mais alto do seu curso quando, em 1905, Hugh Hammond Bennett, então simples geólogo do Bureau of Soils", procedia um levantamento de solo em Louisa County, na Virgínia e descobriu a erosão laminar, isto é, observou pela primeira vez, o processo de arrastamento da camada superficial do solo pela enxurrada. (3). A partir dêste ano, Bennett voltou-se com todo o vigor da sua juventude e argúcia do seu espírito de escol para êste grave problema, cuja solução tornou-se a preocupação máxima de toda a sua vida. Tudo que os Estados Unidos fizeram em matéria de contrôle à erosão, deve-se a êsse lutador corajoso e abnegado. Durante 30 anos de luta gigantesca, Bennett, por meio de trabalhos experimentais, conferências, livros, etc. lutou para convencer o povo americano da ameaça de um dos piores inimigos da Humanidade — a erosão acelerada. Mas foi preciso que a erosão eólica se manifestasse jogando terra dentro do próprio Congresso, para que os congressistas adquiris-

sem uma clara consciência do perigo e creassem o "Soil Conservation Service" no ano de 1935 (4). O grande Presidente Roosevelt sancionou a Lei do Congresso e como um justo prêmio, nomeou Bennett o Chefe do Serviço, cargo que até hoje exerce com clarividência. Bennett é, podemos afirmar sem cometer exagero, o revolucionador da Conservação do Solo no mundo.

O Serviço de Conservação do Solo é considerado um dos orgãos mais importantes do Ministério da Agricultura. Pela divulgação dos seus trabalhos de fomento e de pesquisa chega-se a conclusão que os diversos ramos das ciências agronômicas, estão de tal modo entrosados neste Serviço e numa tão íntima dependência que todas as realizações em Agricultura são conduzidas seguindo os métodos e princípios lançados para defesa do solo.

Afirma Bennett, que seu país gasta anualmente em combate à erosão, nada menos de que 400 milhões de dólares — incluindo-se o capital particular. (5). Graças a essa elevada compreensão do povo americano, os Estados Unidos, ocupam no cenário mundial a liderança em produção agrícola, e em consequência disso vem todo o seu poderio e o seu progresso em todos os setores das atividades humanas. Sempre é tempo para que qualquer Nação siga êste exemplo edificante, caso não queira chegar, ràpidamente à decadência completa.

Temos a impressão, que o agricultor brasileiro começa a sentir a imensidade do perigo que representa a erosão e está se voltando, com interêsse crescente, para êsse magno problema.

O primeiro passo nêsse sentido, foi dado por São Paulo, quando creou em 1939 o Serviço de Terraceamento, e quando em 1942 creou a Secção de Conservação do Solo, no Instituto Agronômico para realizar pesquisas e experimentação e a Seção de Combate a Erosão, Irrigação e Drenagem da Divisão de Fomento Agrícola, para desenvolver os trabalhos de fomento no campo conservacionista. Outros estados também estão se organizando. Minas foi o primeiro a crear uma Estação Experimental especializada.

E agora êste acontecimento singular. Pela primeira vez na nossa História um Presidente da República, focaliza em discurso memorável a importância da Conservação do Solo.

Êste fato enche-nos de otimismo e nos faz crer que o Brasil inaugura a "Era Conservacionista", isto é, prepara-se para conservar o mais indispensável patrimônio que Deus legou ao homem, O SOLO.

II — EQUILÍBRIO NATURAL E EROSÃO GEOLÓGICA

Para os estudiosos de Geologia, a erosão geológica e os agentes atmosféricos agem sôbre a superfície terrestre, através das idades e Eras, num estranho e harmonioso equilíbrio, entre os agentes que formam e destroem os solos.

Êsse equilíbrio existe apenas enquanto a Natureza trabalha espontâneamente, isto é, livre de qualquer interferência humana. A erosão geológica é, em tais condições, benéfica e construtiva. A sua ação

lenta, quasi estática, desagrega rochas, remove e deposita partículas, aumenta a espessura da camada viva, fortalecendo o potencial do solo em elementos nutritivos prontamente assimiláveis. O seu poder de desgaste é moderado porque a Natureza limita-lhe as forças e amenisa a impetuosidade da sua ação destruidora, levantando do próprio solo um obstáculo vivo que o defende: **A Vegetação.** Êste é o método que a Natureza aplica para combater os efeitos nocivos da erosão, como observou Paul H. Walser (6).

Êsse equilíbrio natural, é sucetível de romper-se, e assim acontecendo, tudo se transfigura e sobrevem a ruína. As forças erosivas se desencadeiam e a erosão se torna dinâmica. Passa a agir de maneira acelerada. Os solos em cuja formação, os agentes construtores gastaram talvez milênios, são ràpidamente desgastados e arrastados para o fundo dos mares ou postos em desordem, em montões imprestáveis, nas planícies desertas ou nas costas marítimas, pela ação desenfreada do vento. Nos lugares onde foram formados os solos, restam apenas os sub-solos improdutivos ou as rochas mater, aflorando à superfície, em perene desagregação e transporte.

Todo êsse desastre acima descrito, se realiza, quando o homem, numa imprevidência criminosa, derruba as florestas, retira a cobertura protetora do solo para cultivá-lo empiricamente, sem fazer uso dos métodos racionais de conservação.

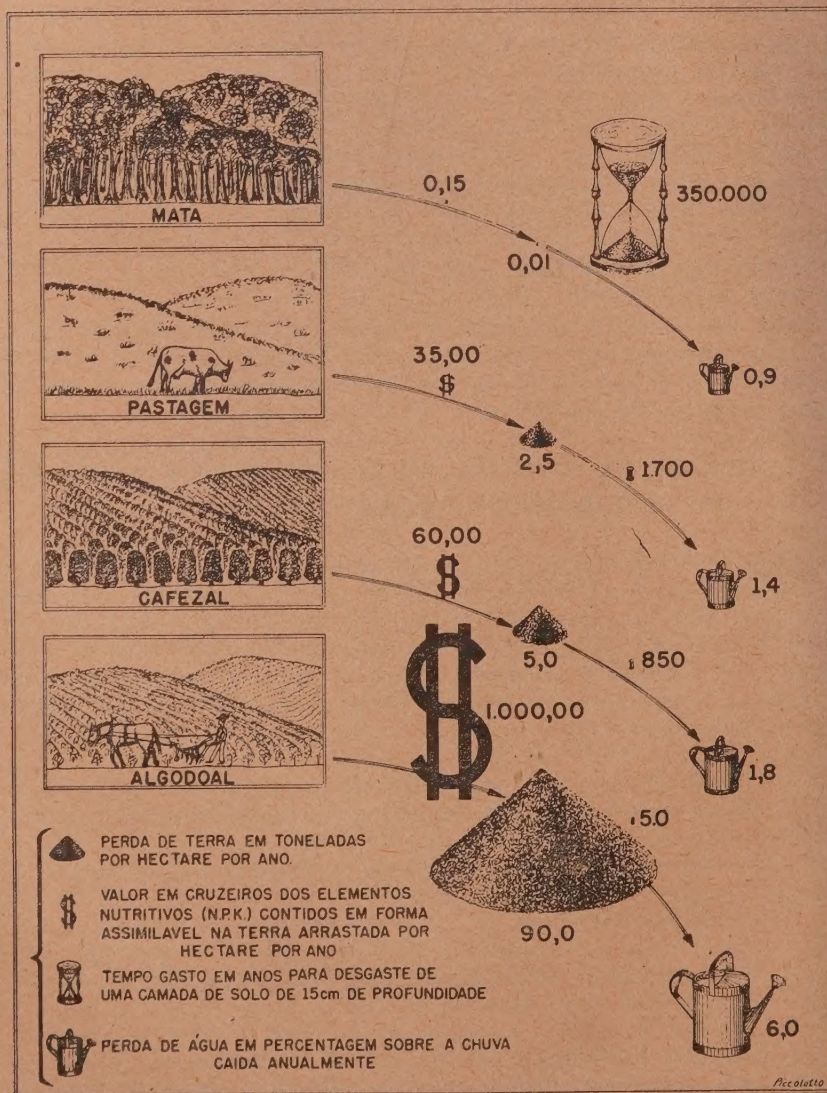
III — EFEITO DA VEGETAÇÃO DE COBERTURA SÔBRE AS PERDAS DE TERRA E ÁGUA

É assunto hoje comprovado pela experimentação a eficiência no contrôle da erosão da cobertura do solo pela vegetação. Não resta dúvida que esta medida reduz consideràvelmente as perdas de terra e água. Walter V. Kell e Roland Mc. Kee, do Serviço de Conservação do Solo dos Estados Unidos, em trabalho especializado sôbre cobertura vegetal, enumeram diversas de suas vantagens, das quais destacamos às seguintes: (7)

1 — Reduz a excessiva erosão do solo.
2 — Evita a lavagem dos elementos nutritivos prontamente assimiláveis, especialmente, o nitrogênio.
3 — Reduz a enxurrada e conserva a humidade do solo.
4 — Enriquece o solo com matéria orgânica e melhora as suas propriedades físicas.
5 — As plantas de cobertura quando enterradas formam ácidos que provocam a libertação dos elementos minerais de fácil assimilação pelas plantas.

No Instituto Agronômico de Campinas, a Secção de Conservação do Solo está realizando ensáios para constatar o efeito da cobertura pelas culturas mais comuns do Estado, sôbre as perdas de terra e água, por erosão. Com êsse objetivo, essa Secção fez instalações de sis-

PROPORÇÃO APROXIMADA DAS PERDAS POR EROSÃO NOS PRINCIPAIS TIPOS DE USO DO SOLO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SEGUNDO DADOS COLHIDOS PELA
SECÇÃO DE CONSERVAÇÃO DO SOLO DO INSTITUTO AGRONÔMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO
ATÉ 1947/48 (*)

(*) MARQUES, J. Q. A., GROHMANN, F., BERTONI, J. E ALENCAR, F. M. A. RELATORIO DOS TRABALHOS DA SECÇÃO DE CONSERVAÇÃO DO SOLO EM 1947/48

temas coletores, nas estações experimentais, situadas nos tipos de solo mais representativos do Estado e vem, há alguns anos, fazendo mensurações diárias da terra arrastada e da água escorrida, em cada chuva.

Em gráfico anexo (8), apresentamos alguns dados obtidos nessas experiências. Êstes dados representam uma média ponderada para as estações experimentais de Campinas, Pindorama, Ribeirão Preto e Mococa, e, ainda, são dados preliminares, necessitando um maior número de ano para se consolidarem. Dão-nos, entretanto, uma boa idéia do comportamento de alguns de nossos principais tipos de uso do solo.

Apresentamos quatro tipos de coberturas bem comuns, quais sejam o algodão, o cafèzal, a pastagem e a mata. Medindo as perdas por erosão foi possível calcular, além da perda de terra e água, a velocidade de desgaste do solo e a importância gasta em cruzeiros para repor sob a forma de adubo, os elementos nutritivos prontamente assimiláveis e que foram arrastados na enxurrada. Assim chegou-se a conclusão que o algodão, cultura que pouca proteção oferece ao solo, perde por ano, em média para todo Estado, cêrca de 90 toneladas de terra por alqueire (24.200 metros quadrados), deixa escorrer 6% da média anual de chuva caída; ao cabo de 50 anos a erosão laminar ultima o arrastamento da camada de solo de 15 centímetros de espessura; e, o agricultor para repor os elementos nutritivos arrastados pela enxurrada gastaria Cr$ 1.000,00 por ano e por alqueire. Com o solo coberto com cafèzal, nas mesmas condições daquele coberto com algodão, os resultados são os seguintes: A perda de terra é de 5 toneladas, por ano; a percentagem da água escorrida é de 1,8%; são necessários 850 anos para se processar o arrastamento da camada de solo de 15 cms.; e, a despesa com adubos em cruzeiros seria de Cr$ 60,00, por alqueire, por ano. Na pastagem a perda de terra é de 2,5 toneladas; a água escorrida é de 1,4% da chuva caída; a velocidade de desgaste foi calculada em 1.700 anos; e a despesa com adubo não ultrapassará Cr$ 35,00, para devolver ao solo os elementos arrastados. Finalmente em terrenos cobertos com mata a perda de terra foi calculada em 0,01 toneladas por alqueire e por ano; a perda de água em 0,09%; a importância gasta com adubo em Cr$ 0,15 apenas; e a velocidade de desgaste em 350.000 anos, quasi uma eternidade.

Solo desnudo significa esterilidade progressiva e inevitável. É que a chuva, não encontrando a resistência da vegetação protetora, realiza, sem nenhuma dificuldade, o solapamento e o transporte completo da camada produtiva.

A velocidade de desgaste nessas condições, é realmente alarmante. Bennett descreve o processo de desgaste de maneira concisa e clara: "A gota de chuva, batendo em cheio sôbre a superfície do solo desprotegido, efetua em três estágios, a tarefa nociva da destruição. As partículas de solo são agitadas, em seguida separadas, e, depois arrastadas pelas águas em forma de enxurrada" (9).

A ausência de vegetação torna o solo indefeso contra as águas e o vento que sôbre êle agem com maior intensidade e rapidez. A parte

aérea do vegetal protege a camada superficial do solo do impacto direto da chuva, funcionando como espécie de "para-choque" que quebra e atenua o efeito demolidor da goteira, precipitada de altura imensa (10).

O sistema radicular completa a proteção. Seu espêsso emaranhado de milhares de raízes seguram e travam as partículas de solos, envolvendo-as e as tornando resistentes à ação erosiva da água que escoa com lentidão, devido ao anteparo aéreo que lhe paralisou, em parte, a marcha, e, reduziu a sua força destruidora. É relevante o papel da vegetação na integridade do solo. Naturalmente que uma perfeita proteção, depende da morfologia do vegetal utilizado como cobertura. As plantas da família das Gramíneas, em geral, reunem todas as características de ótimas protetoras do solo, sendo hoje proclamadas pelos pesquisadores americanos como as espécies mais úteis à conservação do solo. A parte aérea forma um denso tapete que cobre completamente a camada superficial e o exuberante sistema radicular fasciculado, prende as partículas de solo, de tal maneira que a perda de terra por erosão, é quasi nula.

Com o revestimento vegetal, a Natureza não só defende como também enriquece de matéria orgânica e melhora consideràvelmente o solo, tornando-o mais apto à exploração agrícola. Nos solos cobertos com florestas ou mesmo pastagens bem formadas, a erosão é pràticamente inexistente e a perda de água, não ultrapassa de cêrca de 1% do total da chuva caída, em média, por ano, conforme se pode ver no gráfico anexo da secção de Conservação do Solo do Instituto Agronômico sôbre o efeito da cobertura.

IV — PRÁTICAS CONSERVACIONISTAS QUE SE BASEIAM NO REVESTIMENTO VEGETAL:

Observando o método que a Natureza emprega, para manter estável o equilíbrio entre os agentes da formação e da destruição dos solos, o homem verificou que o caminho mais certo, seria parodiá-la, usando também a vegetação como meio de barrar a erosão acelerada, na sua marcha de destruição.

Copiando os processos naturais, os pesquisadores da defesa do solo estabeleceram, e vem cada dia aperfeiçoando mais, um conjunto de práticas que se baseiam na vegetação. Além de comprovadamente eficases, aliam ainda as vantagens de serem de execução simples e de instalação barata. Dentre as principais práticas que a Secção de Conservação do Solo do Instituto Agronômico, tem instalado para observação e estudo da adaptação às nossas condições, salientamos:

1 — Plantas de cobertura; 2 — Cultura em faixas; 3 — Cordões permanentes de vegetação; 4 — Alternância de épocas de capinas; e, finalmente 5 — Vegetação de canais e prados escoadoros.

(conclusão no próximo Boletim)

FRAUDES DO CAFÉ

J. B. Ferraz de Menezes Júnior
Químico do Instituto Adolfo Lutz

Nenhum produto se presta tanto à prática de fraudes quanto o café torrado, em pó. Seu aspecto exterior, granuloso, sua contextura oleosa e sua cor, variando do castanho avermelhado ao pardo escuro, contribuem grandemente a se tornarem imperceptiveis, à vista desarmada, substancias extranhas, as mais diversas, a ele adicionadas.

Desde que estejam com o mesmo grau de torração do café, estas substancias sao mascaradas pela adsorção do óleo e aderência das partículas mais finas do pó de café à sua superficie, tornando difícil o seu reconhecimento sem o auxilio de aparelhos e de métodos analíticos especiais. (*)

Tais substâncias, na sua maioria, modificam sèriamente o aroma agradável e **sui géneris** do café, como prejudicam sensìvelmente o seu sabor, quando juntadas, em quantidades apreciáveis, ao pó. Entretanto, ao consumidor desprecavido ou tolerante, estes defeitos podem passar despercebidos ou ser considerados como provenientes de café puro, porém, de qualidade inferior.

Isto, aliás, deve ser evitado por meio de uma rigorosa fiscalização do precioso produto que não falta em todos os lares da terra brasileira, desde os rincões mais longínquos e modestos, até às modernas cidades e grandes metrópoles. Várias vezes ao dia, na rústica choça do pobre, na humilde casa do operário ou no opulento palacete do rico, ele é servido e tradicionalmente estimado pela criança, pelo jovem, pelo adulto e pelo velho.

O seu consumo é enorme, constante e obrigatório.

Levando-se em conta esse fato, não é justo que o consumidor confiante pague por um produto falso o preço elevado de um legítimo.

Zelar pelo interêsse do povo é a nobre missão das autoridades fiscalizadoras, que aliás, não descuram um instante siquer na defeza dos direitos e da saúde do público. Para isso procuram, dia a dia, melhorar os seus métodos de repressão à fraude, creando novas leis, ampliando seus laboratórios e acompanhando de perto os progressos científicos no setor da bromatologia.

Por esta razão, estão os nossos laboratórios oficiais perfeitamente equipados para fornecer quaisquer dados comprobatórios na elucidação das fraudes e falsificações do café.

Ainda agora, com a valiosa colaboração da Superintendência dos Serviços de Café, por intermédio de seus funcionários em estágio no Instituto Adolfo Lutz, conseguimos concluir nossos estudos que permitiram a creação de um método para a contagem da casca e demais impurezas existentes no café torrado e moido, método esse, ideado há dois anos, aproximadamente, e cujos ensáios foram interrompidos por várias vezes, dada a dificuldade de se conseguir material adequado, especialmente preparado para conduzir e orientar nossas experimentações.

Este método, possibilitando a determinação de qualquer porção de casca no café em pó, facilitará grandemente a seleção dos bons produtos que não devem ultrapassar a porcentagem de 1%, de acôrdo com a legislação em vigor.

Com mais esta preciosa contribuição da Ciência a serviço da Lei, estão os Orgãos Fiscalizadores de posse de um inestimável recurso que evitará a propagação de uma fraude, até então dissimulada pela impossibilidade de ser apontada pelos processos atuais de pesquiza.

Na aplicação das penalidades ora em vigor em nossas leis sanitárias, referentes ao café, a preciosa colaboração do Laboratório pode ter, em certos pontos, relativo valor prático, pelo motivo de serem as mesmas procedentes de Decretos que regulamentam diferentes Serviços de Fiscalização.

Com justa razão se faz necessário uma aproximação e um perfeito entendimento entre as Repartições Fiscalizadoras de café, tendentes à adoção de um mesmo e só Regulamento, a fim de que, em plena harmonia de vistas, colaborem recíprocamente dentro de um âmbito de ação compreensivo, amplo e proveitoso.

Com isto desapareceria a situação cerimoniosa creada por formalidades protocolares que parece existir e que dificulta a aplicação de uma penalidade prevista em Decreto atinente a um Orgão Fiscalizador e que falta no referente a outro.

O Decreto-lei n.º 51 de 8-12-37, fixa em 1% a proporção de impurezas tolerada para os tipos oficiais de café **para Exportação,** não havendo menção a Consumo, portanto, para o café torrado ou moido.

O Decreto n.º 23.938 de 28-2-34 (Cap. II, art. 7.º), só considera próprio para o consumo o produto em pó de **absoluta pureza,** procedente de tipos de 1 a 8, nos quais não sejam encontrados paus, pedras, torrões, côcos, cascas e quaisquer outros corpos extranhos ao café. Parece merecer êste artigo um estudo mais detalhado, principalmente, se for levada em consideração a possibilidade da obtenção de café em pó puro — proveniente do tipo 8.

O Decreto-lei n.º 15.642 de 9-2-46 (Cap. V, arts. 210, 212 e 213), exige que o café torrado não contenha impurezas (cascas, fôlhas, hastes, paus, pedras, terra e areia), bem como deverá o pó ser isento de **cascas e outras impurezas,** sem o que será considerado falsificado. Êsse Decreto não estabelece tolerância, de forma que, si o café contiver 1% de cascas, será condenado.

Sabemos que a classificação e a prova de xícara, são elementos evidentes de contrôle, por darem, com precisão, o tipo de café e de bebida apresentados por várias partidas de café em grão a serem destinadas à torrefação e moagem, porém, em se tratando de um café em pó, contendo pequena porção de casca, esta prova terá relativo valor para efeito condenatório, por não sofrer o produto nestas condições, modificação sensível em seu sabor, como acontece quando o milho, a chicórea, o feijão ou porcentagens elevadas de casca, estão presentes.

O recente método para contagem de impurezas, que será publicado em próximo número desta Revista, dará oportunidade para a fixação da porcentagem de cascas de café e fragmentos de madeira, a

ser tolerada definitivamente pelos Serviços de Fiscalização de Café, nos produtos expostos ao consumo, preenchendo assim uma lacuna que reclamava, de há muito, necessárias providências.

A questão das reincidências merece também ser tratada com especial carinho. Em semelhantes casos, si for aplicado sempre o regime de multas crescentes, de acôrdo com as reincidências havidas no exercício do crime, jamais se eliminará do comércio de café a peçonha da fraude, porque, si o produtor deshonesto volta a insistir na mesma prática ilegal, pagando pressurosa e pontualmente multas exigidas por lei, é porque seus lucros são compensadores.

Esse mal continuaria indefinidamente, muito embora represente uma fonte de renda para o erário público, si, em favor do consumidor — o único prejudicado neste caso — não existisse um apôio digno de tolher a livre ação do fraudador — o mais favorecido na constância da aplicação desse dispositivo legal.

Felizmente no Regulamento do Policiamento da Alimentação Pública está prevista esta contravenção, punindo o infrator contumaz com a "cassação temporária ou definitiva para o exercício da indústria e comércio de gêneros alimentícios" e sujeitando-o, ainda, à "ação criminal, quando no caso couber" (arts. 1.057 e 1.054, Parte 5.ª, das Disposições Penais do Decreto-lei n.º 15.642 de 9-2-46).

No Decreto-lei n.º 1.996 de 1-2-40, que extende a proibição constante do art. 12 do Decreto n.º 23.938 de 28-2-34, referente a sucedâneos do café, os infratores ficam sujeitos, além da apreensão e inutilização do produto, à multa de Cr$ 2.000,00 a Cr$ 5.000,00, **sem prejuízo da responsabilidade criminal que no caso couber.**

Também o Código penal (art. 273) prevê o exercício das fraudes, impondo ao transgressor pesada multa e a pena de prisão celular por tempo que varía com a gravidade do crime.

Para grandes males, grandes remédios!

A fraude é uma modalidade de roubo e o fraudador é o tipo do criminoso que jamais se adata à regeneração.

A aplicação sistemática desses dispositivos penais seria uma condição moralizadora e uma advertência proveitosa e eficaz a futuros candidatos à fraude do café, que não se animariam a sofrer castigo tão rigoroso e, consequentemente, tão prejudicial a seus legítimos interêsses.

Os torradores de escolhas baixíssimas e de cafés inferiores aos tipos permitidos por lei, os "especialistas" em produzir café com milho, leguminosas e cascas de café, serão mais sóbrios em suas desmedidas ambições ao saberam que há uma "cadeia" legal de entendimentos, coêsa, forte e intransigente, para cercear seus soberbos intuitos clandestinos.

Resta pois, aos representantes das Instituições Fiscalizadoras de café, ponderarem sôbre a necessidade da concretização das razões aqui expostas, a fim de que, muito em breve tenham um só "Regulamento" nascido de um Convênio Fiscalizador, que lhes irá assegurar o recurso salutar que se fazia imperioso e imprescindível para solucionar casos desta natureza.

(*) Vide trabalho do autor "Do exame mocroscópico nas fraudes do café" — no Boletim da S.S.C. n.º 275 — 1950.

Dois depoimentos sôbre a restauração de cafèzais em zona velha

J. TESTA
(Chefe do Dep. de Estatística e Publicidade, da SSC)

Relativamente ao assunto da restauração dos cafèzais em zona velha, temos já escrito por mais de uma vez. O problema, todavia, é dos que necessitam atenção constante, pois representa nada menos que um dos pontos capitais de nossa cafeicultura. Muitas experiências, numerosíssimas mesmo, têm já sido feitas com referência ao plantio ou replantio de cafèzais nas zonas chamadas **velhas.** Nem se pode mesmo chamá-las de experiências, pois constituem já fatos consumados, muitas e muitas delas. Todavia, fracassos ainda se registram, por êste ou aquêle motivo. E, por outro lado, numerosos lavradores ainda se recusam a tentar qualquer iniciativa nesse sentido, convencidos como estão de que o café só prospera bem quando sente, perto de si, o "bafo do sertão", isto é, quando seja plantado em zona recém-desflorestada e possui, junto às suas fileiras, a manta escura, humosa e fresca das matas primitivas.

Ora, a ninguém mais escapa, mesmo àqueles que não conhecem o campo e seus problemas, que são cada vez mais escassas as nossas reservas florestais. As matas do Estado de S. Paulo, que outrora cobriam todo o planalto, tornaram-se hoje apenas matas ciliares dos grandes rios do oeste — Paranapanema, Tietê, Peixe, Aguapeí, Paraná — além das florestas existentes na serra do Mar que, apesar de sua proximidade da Capital e dos grandes centros litorâneos conseguiram se manter imunes até hoje, graças à declividade dos terrenos em que se situam. Essas últimas reservas, todavia, se vão desintegrando, sob os golpes impiedosos dos "fazedores de carvão", dos extratores de lenha e daqueles que alí procuram alguma rara madeira de lei, ou que as derrubam para em seu logar semear cereais ou feijão.

O mesmo ocorreu em todo o Brasil Central, no Nordeste e no Sul. Só escaparam da destruição as imensas reservas da Amazônia, por serem inacessíveis, até agora, ou pelo mesmo motivo, as cabeceiras dos grandes rios de Mato Grosso. Mesmo êste Estado, que se supunha, de acôrdo com o nome, inteiramente coberto de florestas, está em grande parte desflorestado, além do fato de que a maior parte de sua superfície sempre foi constituída de campos gerais, sêcos ou pantanosos. O coronel João Alberto, incontestàvelmente um dos homens que mais conhecem o interior do Brasil, disse, certa vez, em artigo para a imprensa, que se poderia atravessar todo o país, de leste a oeste por uma certa diretriz, sem

encontrar uma floresta! E ajuntava que, contràriamente ao que se supõe vários países da Europa possuem área florestada superior à da maioria de nossos Estados.

O fato, constatado, é que não temos mais florestas, principalmente nas zonas cafeeiras. As poucas que ainda existem no norte do Paraná, no centro-Sul goiano, no sul de Mato-Grosso e no vale do Rio Doce, estão caindo sob os golpes do machado e as queimadas, onde nem a lenha (já não se fala em madeira) nem a lenha se aproveita. E como, então, plantar novos cafèzais? Deveremos abandonar essa nossa máxima riqueza, permitindo que entrem em senectude e em deperecimento os que ainda temos? Como plantar novos cafèzais, se apenas sabemos plantá-los no local de matas recém-derribadas e recém-queimadas, sôbre a terra ainda cheia de galhos e troncos carbonizados, de cinza e de folhame apodrecido?

Pois é isso, exatamente, que precisamos aprender, ou, então, resignarmo-nos, melancòlicamente à extinção de nossa cafeicultura. Há alguns anos atrás, ainda era objeto de discussão a possibilidade do plantio ou replantio de cafèzais em zona velha. Ainda hoje, ela o é. Os fatos, porém, as provas, são cada vez mais numerosas em favor da tese de que o café, como qualquer outra planta, póde constituir uma cultura de pomar, com muito estêrco, muito adubo, muito trato, menor quantidade de plantas e... muito maior produção por pé. Muitos depoimentos têm já vindo ao nosso conhecimento, mas nem sempre acompanhados de dados que permitam focalizar devidamente o assunto. Hoje, entretanto, temos o prazer de divulgar dois que nos foram trazidos por técnicos desta SSC, que acabam de percorrer o Estado, em serviço de avaliação da safra cafeeira. Um dêles diz respeito a uma fazenda em Itapira, do sr. Ângelo Lissi, que foi assistido pelo agrônomo regional de Mogi-Mirim, dr. Oswaldo de Carvalho Castro. Num total de 30.000 cafeeiros, sem falhas, pois todas as falhas foram preenchidas, a produção está calculada em 75 arrobas por mil pés, na presente safra, graças ao eficiente tratamento dispensado aos arbustos, que receberam adequada adubação por meio de "composto" orgânico, farinha de ossos, etc., além de uma conveniente proteção do solo por meio de curvas de nível.

Nos anos anteriores, quando não havia sido feita a adubação necessária, com o aproveitamento dos resíduos oriundos da própria fazenda com os quais se obtem o "COMPOSTO" e, portanto, com desperdício dêsse conjunto de fertilizantes, a produção dêsse mesmo cafèzal não ultrapassava de 25 arrobas por 1.000 cafeeiros.

No preparo do "COMPOSTO" usado na fazenda Santo Antônio do Bom Jardim, foi utilizado o estêrco de curral obtido de 130 cabeças de gado de meia estabulação, palha de café, capim, palha de arroz, cana de milho e os restos de cultura assim como todo o lixo da sede da fazenda, da colonia e do pomar.

A adubação foi feita em valetas, sendo uma desta localizada no centro de quatro pés, dando ótimo resultado. A essa adubação foi adicionada farinha de ossos na base de 500 gramas por pé.

Os cafeeiros que se apresentavam em estado de decadência final, foram substituidos e as replantas forradas com capim, palha de feijão ou palha de arroz. Os resultados foram satisfatórios.

A limpeza do cafèzal, com eliminação dos galhos secos e ladrões, feita logo após às colheitas tem beneficiado grandemente os cafeeiros tanto na conformação das árvores como na produção.

O sr. Ângelo Lissi, cafeeicultor caprichoso, iniciou a construção de um rancho coberto, com dispositivo para aproveitamento do líquido em retôrno, beneficiando ainda mais a sua lavoura.

O combate à erosão não foi esquecido, pois já existem cordões em nível protegendo 10.000 pés. O restante será feito após a colheita.

Eis o que a respeito escreveu o sr. Lissi ao nosso técnico avaliador:

"Atendendo ao seu pedido junto 3 fotografias, tiradas pelo Dr. Osvaldo Carvalho Castro, agrônomo regional residente em Mogi Mirim, a cuja região pertence Itapira, e dou em seguida alguns dados sôbre a fazenda "SANTO ANTÔNIO DO BOM JARDIM" situada no município de Itapira, a 6 quilómetros na estrada de Lindóia.

Seus cafèzais têm a idade de 60 anos, e adquiri a fazenda em 11-9-945. Os pés de café se encontravam em completa decadência, com cêrca de 30% de

Êste cafeeiro produzirá, em 1950, 1.125 gramas de café. É 2½ vezes a produção média do Estado.

Uma visita dos belos cafèzais de 60 anos, em terras velhas, da fazenda Sto. Antônio do Bom Jardim. À esquerda o sr. Ânglo Lissi; à direita o agrônomo Oswaldo Carvalho Castro, regional de Mogi-Mirim.

Os velhos cafèzais, restaurados pelo sr. Lissi, notando-se a abundância da carga.

falhas, tendo uma parte abandonada e que encontrei com eucaliptus plantados há já 2 anos. Fiz o arrancamento dos mesmos e tratei os cafeeiros com ótimos resultados, pois a média de produção, que era de 25 arrobas, se elevou consideràvelmente, embora a lavoura fôsse considerada, por todos, de impossível restauração.

Com adubação composta, palha de café, estêrco de curral e farinha de ossos, sempre envaletado, limpeza nos pés de café, forragem de catingueiro e palha de arroz, consegui igualar os espigões, e as partes baixas, mantendo hoje a mesma carga e conformação, conforme o Snr. teve ocasião de verificar.

Estou atualmente com a média de 75 arrobas e espero dentro de mais 2 anos atingir a média de 100 arrobas por 1.000 pés. Com isso e mais a lavoura completamente replantada, portanto com 0 falhas, a produção irá aumentando. Também estou substituindo os pés que não reagiram, e completando o serviço de curvas de nível, serviço êsse orientado pelo Snr. Dr. Vicente Spinola Dias, chefe competentíssimo, cujo serviço, feito de acôrdo com suas instruções, está perfeito, tendo suportado grandes chuvas, e mesmo uma quasi tromba dágua. Acompanhou êsses serviços o Snr. Rubens Braga, funcionário esforçado e competente.

Contém a fazenda 30.000 cafeeiros todos com 60 anos, e 5.000 plantados êste ano.

A estercação do ano passado foi feita no centro de cada 4 pés, com grande resultado, também obtive ótimos resultados em replantes de sementes.

Aí tem meu caro amigo os dados sôbre o tratamento, e verifiquei ser possível a restauração dos cafèzais da zona Mogiana, chamada a zona **velha,** que sempre reputei a melhor do Brasil para o cultivo do café. Lavrador neste município há mais de 20 anos, sempre obtive os melhores resultados, em diversas fazendas que possui, tendo sempre lucros, mesmo nas épocas em que os preços do café eram muito baixos.

Com êstes dados, e as fotografias que junto, poderá dar a notícia que desejar, fazendo o uso que quizer."

Resultados não menos interessantes, mas, ao contrário, ainda mais expressivos, foram os obtidos na **Fazenda S. Luís,** em Baurú, de propriedade dos srs. Sebastião Aleixo da Silva e dr. Hildebrando de Carvalho. Essa fazenda, que possui 1.200 alqueires de terras de segunda (arenosas) e 384.000 cafeeiros com idade de 26 até 60 anos, apresentou, em 1949, as seguintes despesas de custeio:

384.000 cafeeiros — trato Cr$ 1.700,00 por mil pés	Cr.$	652.800,00
Administração: 1 administrador — ano	"	24.000,00
4 (quatro) fiscais a Cr.$ 1.000,00 — ano	"	48.000,00
3 (três) choferes a 1.200,00 — ano	"	36.000,00
Gasolina	"	100.000,00
Despesas com manutenção de burros e serviços de carroceiros	"	30.000,00
Combate à erosão	"	50.000,00
Conservação e melhoria das propriedades da fazenda — (1 Estábulo novo)	"	200.000,00

Compra de adubos	”	800.000,00
Aplicação de adubos e combate a outras pragas — outras pragas	”	200.000,00
Colheita e secagem do café no terceiro e benefício ..	”	225.000,00
TOTAL	Cr$	2.365.800,00

Êsse total de Cr$ 2.365.800,00 resulta em Cr$ 6.180 por mil pés, ou 6,18 por cafeeiro. É provàvelmente, a mesma despesa de custeio calculada para 1950, segundo está previsto. A safra esperada no corrente ano é de 68 arrobas por mil pés, a despeito da sêca.

Damos abaixo uma relação das safras colhidas na fazenda, desde 1943 e 44, em que dava **deficit**, até a esperada de 1950:

1.943	2.400	arrobas
1.944	8.000	”
1.945	12.000	”
1.946	18.000	”
1.947	19.000	”
1.948	21.000	”
1.949	25.000	”
1.950 provável	26.000	”

A título informativo, esclarecemos que o valor da propriedade é reputado em cêrca de 15.000.000 de cruzeiros. Têm, assim, os nossos leitores, uma base de cálculo para a renda do capital empregado.

É altamente interessante examinar-se o aumento da produção, desde 1943 até 1950. Verifica-se que em apenas oito anos, o volume da safra aumentou de 2.400 arrobas para 26.000, ou sejam onze vezes mais, o que é uma porcentagem verdadeiramente extraordinária, principalmente se se considerar que êsse crescimento não teve solução de continuidade. Muito curioso, e capaz de permitir expressivas conclusões, seria uma análise correlativa do dispêndio progressivo em tratamento do cafèzal, e da renda progressiva que êste forneceu, afim de verificar em que porcentagem esta sobrepujou àquele.

Evite as queimadas que esterilizam lentamente o solo. Os restos das colheitas e a vegetação que cobrem a terra devem ser enterrados e nunca queimados.

Resumos e Transcrições

VARIEDADES DE CAFEEIROS

CARLOS TEIXEIRA MENDES

Professor Catedrático de Agricultura Especial da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo.

(conclusão do Boletim anterior)

Conclusão — A melhoria de proporções das duas primeiras peneiras equivale à melhor do conjunto que chamamos de "cafés bons", senão em relação ao "café em côco", o que fica em dúvida, pelo menos em relação ao total de café beneficiado. Essa melhoria parece estar correlacionada com as pequenas produções.

Corroborando essa asserção verificamos que a referida melhoria coincide, em quase todo os casos, com diminução do "café escolha", quer em relação ao "café em côco", quer, e mais pronunciadamente, em confronto com o "café beneficiado", como é natural.

Continuando a observar êsses resultados pelo prisma da proporcionalidade, e chamando de "cafés bons" o conjunto das cinco primeiras paneiras e as três de "mocas", evidencia-se que não há diminuição de sua produção com o decorrer dos anos, pôsto que variações sensíveis sejam observadas.

Quanto à produtividade real nada podemos deduzir de nossas experiências, por vários motivos, dentre os quais o termos iniciado um cafèzal em terra gastíssima, mantida a pêso de artifícios, além de termos que abandoná-la em parte, em consequência de grande invasão de tiririca.

Calculando, porém, a produção por "mil pés de café", chegaríamos à conclusão de que o "Sumatra" foi, durante dez anos, o mais produtivo, vencendo os demais por larga margem. Como, porém, a experiência não visava êsse fim, fica o asserto com o valor apenas de observação.

Se para o chamado conjunto de "cafés bons" não verificamos tendência manifesta e contínua de diminuição com o envelhecer das plantas, não se pode negar que ela se revela no aumento das porcentagens de "mocas", de modo significativo e paralelo em seus resultados finais; quanto ao café "escolha", contudo, não se observa igual tendência.

Quanto à produção, reconhecidamente oscilante em um cafèzal, de ano para ano, ainda que as condições de nossas experiências não fôssem perfeitas para seu estudo,, parece que menos variáveis se mostraram o "Burbon" e o "Nacional" e mais inconstantes o "Amarelo" e especialmente, o "Sumatra".

Cabe aqui, contudo, uma observação: os técnicos especialistas do Instituto Agronômico de Campinas não encontraram em suas pesquisas, elementos biométricos bastantes para fazer do "Sumatra" uma variedade distinta do "Nacional"; ao contrário, asseveram ser errôneo o

QUADRO III

Porcentagens com que entram os diversos "tipos" do Quadro II na composição das colheitas

Peneiras ou "tipos" produzidos (1)	Sumatra 1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1940	1942	1944
Peneiras 18 e 19 em uma só	22,5	—	10,1	23,3	5,3	21,6	7,8	12,2	1,4	0,7
Peneira 17	27,4	—	20,2	31,7	16,6	22,6	15,6	30,3	27,1	20,1
Peneira 16	21,4	—	24,8	20,0	33,4	20,8	23,2	22,3	21,8	26,3
Peneira 15	6,8	—	14,4	5,5	21,2	13,8	21,1	13,4	19,5	25,7
Moca 1	3,3	—	2,7	5,5	2,0	2,9	1,3	2,8	1,0	1,3
Moca 2	3,0	—	5,4	4,5	7,8	5,3	4,5	5,2	5,7	7,0
Moca 3	0,4	—	0,9	0,6	0,2	1,0	8,1	1,6	2,6	3,2
Miudo	2,4	—	1,7	1,1	3,5	2,0	1,4	3,3	10,1	9,3
Repasse das peneiras grandes	2,1	—	2,8	0,0	0,0	1,0	1,1	0,2	10,2	5,9
"Coquinhos" não beneficiado	1,3	—	0,6	1,1	0,7	1,3	1,4	0,1	0,1	0,3
Cabeça	0,4	—	0,0	1,1	0,4	1,3	0,6	0,2	0,0	0,0
Repasse das peneiras pequenas	8,9	—	16,3	5,5	8,6	6,3	13,8	8,3	0,1	0,1
	99,9	—	99,9	99,9	99,7	99,9	99,9	99,9	99,6	99,9

Peneiras ou "tipos" produzidos (1)	Burbon 1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1940	1942	1944
Peneiras 18 e 19 em uma só	28,1	6,1	10,4	17,3	3,9	11,7	3,7	8,5	1,4	0,9
Peneira 17	26,5	17,3	21,2	27,8	11,1	19,0	11,4	25,5	21,4	17,7
Peneira 16	18,7	26,0	26,3	24,2	30,4	23,6	23,4	22,0	22,5	23,1
Peneira 15	5,0	22,6	16,4	13,6	24,8	21,0	28,4	19,6	20,8	31,3
Moca 1	3,6	1,5	2,8	4,3	1,2	2,4	1,1	2,0	1,2	1,5
Moca 2	3,0	3,1	6,8	6,2	7,9	6,4	6,4	6,0	6,5	7,3
Moca 3	0,3	0,5	1,5	2,4	0,3	1,6	12,3	2,7	2,8	4,4
Miudo	1,8	5,1	2,6	0,9	3,6	3,3	0,5	4,1	12,3	5,8
Repasse das peneiras grandes	0,5	1,2	1,8	0,0	2,5	1,4	1,4	0,1	10,2	6,7
"Coquinhos" não beneficiado	1,3	1,2	0,8	1,4	0,9	1,4	1,8	0,1	0,5	1,1
Cabeça	2,5	0,1	0,0	0,9	0,6	1,2	0,5	0,1	0,1	0,0
Repasse das peneiras pequenas	8,4	15,0	9,6	1,1	12,7	7,0	8,8	9,0	0,2	0,1
	99,7	99,7	100,2	100,1	99,9	100,0	99,7	99,7	99,9	99,9

Peneiras ou "tipos" produzidos (1)	Nacional 1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1940	1942	1944
Peneiras 18 e 19 em uma só	28,3	12,0	11,5	19,3	3,7	14,4	5,9	8,4	1,3	1,8
Peneira 17	27,6	26,2	23,5	32,4	13,0	20,7	16,1	28,1	27,6	25,2
Peneira 16	18,3	27,1	27,7	23,1	33,4	24,4	27,42	2,9	23,9	25,0
Peneira 15	4,3	13,0	14,5	8,8	22,0	16,1	24,8	17,8	19,4	19,4
Moca 1	3,4	1,5	3,1	4,7	1,9	2,1	1,7	1,8	1,1	2,1
Moca 2	2,7	4,0	2,0	6,9	8,6	6,3	7,0	5,4	7,5	10,3
Moca 3	0,2	0,1	1,3	1,6	0,3	1,5	7,5	2,4	2,8	2,9
Miudo	1,6	2,6	1,7	0,4	3,1	5,2	0,2	4,7	7,3	3,2
Repasse das peneiras grandes	0,6	1,4	2,3	0,0	1,8	2,1	1,2	0,2	8,9	10,0
"Coquinhos" não beneficiado	1,4	0,8	0,8	0,9	0,9	1,4	1,0	0,1	0,1	0,1
Cabeça	2,2	0,1	0,0	0,9	0,6	1,0	0,5	0,1	0,0	0,0
Repasse das peneiras pequenas	9,1	11,1	11,5	0,4	10,5	9,2	7,0	7,6	0,1	0,0
	99,7	99,9	99,9	99,4	99,8	99,6	100.0	99,5	100,0	100.0

Peneiras ou "tipos" produzidos (1)	Amarelo de Botucatú 1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1940	1942	1944
Peneiras 18 e 19 em uma só	30,7	14,2	11,7	19,1	5,0	18,1	5,4	8,6	1,6	0,9
Peneira 17	26,3	25,8	22,4	29,1	15,3	22,4	13,6	26,8	25,2	21,1
Peneira 16	17,6	25,8	26,6	23,4	33,3	21,6	25,0	22,9	20,2	25,1
Peneira 15	5,6	15,0	14,6	12,3	23,2	13,4	27,2	17,8	14,8	28,2
Moca 1	3,1	1,8	3,2	4,1	2,3	3,0	1,5	1,7	0,9	1,3
Moca 2	3,4	4,3	7,8	5,5	9,2	6,6	7,6	6,8	6,3	7,9
Moca 3	0,2	0,2	1,4	2,3	0,2	1,3	10,1	2,8	2,2	4,0
Miudo	2,1	3,0	1,8	0,9	5,3	2,0	0,4	4,5	19,3	3,5
Repasse das peneiras grandes	0,4	1,1	1,6	0,0	0,5	1,2	1,7	0,2	9,0	6,6
"Coquinhos" não beneficiado	1,3	1,1	0,9	1,3	1,0	1,6	1,5	0,3	0,3	1,0
Cabeça	2,3	0,1	0,0	0,9	0,8	1,3	0,5	0,2	0,0	0,1
Repasse das peneiras pequenas	6,7	7,6	7,8	1,1	3,1	7,5	5,4	7,3	0,1	0,2
	99,7	100,0	99,8	100,0	99,2	100,0	100,0	99,9	99,9	99,9

(1) As mesmas observações do Quadro II.

QUADRO IV

Resumo dos Quadros

	Sumatra											Burbon										
	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1940	1942	1944	Em 10 anos (1)	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1940	1942	1944	Em 10 anos
% das 5 primeiras peneiras sôbre o café em cocô	47,8	—	36,6	42,3	36,9	36,6	37,7	37,7	40,6	37,4	39,3	48,3	37,9	36,6	40,0	30,8	43,0	35,8	34,4	34,3	36,4	37,7
% dos “Mocas” ” ” ” ” ”	4,0	—	4,7	5,5	4,9	4,3	7,8	4,7	5,3	5,6	5,2	4,3	2,7	5,5	6,3	4,1	6,0	10,6	4,9	5,4	6,5	5,7
% dos cafés bons ” ” ” ” ”	51,8	—	41,3	48,8	41,8	40,9	45,5	42,4	45,9	43,0	44,5	52,6	40,6	42,1	46,3	34,9	49,0	46,4	39,3	39,7	42,9	43,4
% de “escolha” (2) ” ” ” ” ”	9,2	—	11,3	4,6	6,5	5,6	10,2	5,8	12,3	6,2	7,9	9,0	11,9	7,1	2,2	8,6	8,4	7,1	5,7	12,2	7,1	7,9
% das 5 primeiras peneiras sôbre o café beneficiado	78,1	—	69,5	80,5	76,5	78,8	67,7	78,2	69,8	72,8	74,6	78,3	72,2	74,3	82,9	70,2	75,3	66,9	75,6	66,1	73,0	73,5
% dos “Mocas” ” ” ” ”	6,7	—	9,0	10,6	10,0	9,2	13,9	9,6	9,3	11,5	10,0	6,9	5,1	11,1	12,9	9,4	10,4	19,8	10,7	10,5	13,2	11,0
% de cafés bons ” ” ” ”	84,8	—	78,5	91,1	86,5	88,0	81,6	87,8	79,1	84,3	84,6	85,2	77,3	85,4	95,8	79,6	85,7	86,7	86,3	76,6	86,2	84,5
% de “escolha” ” ” ” ”	15,1	—	21,4	8,8	13,4	11,9	18,3	12,1	20,8	15,7	15,3	14,8	22,6	14,7	4,3	20,3	14,3	13,3	13,6	23,3	13,7	15,5
% de café beneficiado sôbre o café em côco	61,0	—	52,6	52,4	48,3	46,5	55,5	48,2	58,2	49,2	52,4	61,5	52,4	49,2	48,5	43,4	57,4	53,5	45,0	51,9	50,0	51,3
% de “palha” e perdas	39,0	—	47,4	47,6	51,7	53,5	44,5	51,8	41,8	50,8	47,6	38,5	47,6	50,8	51,5	56,6	42,6	46,5	55,0	48,1	50,0	48,7

	Nacional											Amarelo de Botucatú										
% das 5 primeiras peneiras sôbre o café em cocô	47,5	43,7	37,0	40,7	32,0	42,1	39,8	34,3	36,5	35,2	38,8	50,0	43,8	37,5	42,5	34,7	45,0	38,8	33,4	30,5	37,8	39,4
% dos “Mocas” ” ” ” ” ”	3,9	3,1	3,1	6,5	4,8	5,7	8,5	4,2	5,7	4,6	5,1	4,2	3,5	6,2	6,0	5,3	6,4	10,5	5,1	4,6	6,7	5,8
% dos cafés bons ” ” ” ” ”	51,4	46,8	40,1	47,2	36,8	47,8	48,3	38,5	42,2	39,8	43,9	54,2	47,3	43,7	48,5	40,0	51,4	49,3	38,5	35,1	44,5	45,2
% de “escolha” (2) ” ” ” ” ”	9,0	8,8	7,8	1,4	7,5	9,3	5,3	5,8	8,3	9,1	7,2	8,1	7,2	6,0	2,1	5,1	8,0	5,3	5,4	4,2	5,9	5,7
% das 5 primeiras peneiras sôbre o café beneficiado	78,5	78,3	77,2	83,6	72,1	73,6	74,2	77,2	72,2	71,4	75,8	80,2	80,8	75,3	83,9	76,8	75,5	71,2	76,1	61,8	75,3	75,7
% dos “Mocas” ” ” ” ”	6,3	5,6	6,4	13,4	10,8	9,9	15,9	9,6	11,4	13,3	10,4	6,7	6,3	12,4	11,9	11,7	10,9	19,2	11,3	9,4	13,2	10,6
% de cafés bons ” ” ” ”	84,8	83,9	83,6	97,0	82,9	83,5	80,1	86,8	83,6	86,7	86,2	86,9	87,1	87,7	95,8	88,5	86,4	90,4	87,4	71,2	88,5	86,3
% de “escolha” ” ” ” ”	14,9	16,0	16,3	2,8	16,9	16,5	9,9	12,9	16,4	13,3	13,6	12,8	12,9	12,1	4,2	10,7	13,6	9,6	12,6	28,8	11,5	13,6
% de café beneficiado sôbre o café em côco	60,5	55,6	47,9	48,6	44,3	57,1	53,6	44,3	50,5	48,9	51,1	62,3	54,5	49,7	50,6	45,1	59,4	54,6	43,9	49,3	50,4	51,9
% de “palha” e perdas	39,5	44,4	42,1	51,4	55,7	42,9	46,4	55,7	49,5	51,1	48,9	37,7	45,5	50,3	49,4	54,9	40,6	45,4	56,1	50,7	49,6	48,1

(1) — Para o “Sumatra sòmente 9 anos. Em todos os casos, frações aproximadas.

(2) — Estamos chamando de “escolha” todo o café beneficiado que não se enquadra nos dois grupos precedentes, incluindo, portanto, o “repasse das peneiras grandes”; melhor conviria o título de “cafés inferiores”.

conceito de variedade, e mais ainda, "nem forma, se justifica a descrição do café "Sumatra", menos ainda como variedade (3).

Finalizamos esta primeira parte, estudando o "rendimento" líquido proporcional da soma de todos os cafés vendáveis, conjunto que vimos chamando de "cafés bons".

Analizando o Quadro V, verificamos que o "Amarelo de Botucatú" suplantou os três rivais na média dos sete primeiros anos desta experiência, isto é, enquanto as plantas, vivendo de seu 7.º ao 14.º anos de existência, revelavam pleno vigor. A mesma variedade é destronada de sua superioridade no conjunto dos três anos que se seguem, especialmente pelo "Nacional", fato êsse que pode ser interpretado de dois modos:

1.º) — Porque não fizemos observações contínuas durante êste segundo período e o acaso poderia ter contribuido com condições menos favoráveis para essa variedade nos anos de 1940, 42 e 44;

2.º) — Porque, e é o mais provável, sendo êle reconhecidamente mais sensível, cultivado em terra gasta, como foi, patenteou seu declínio mais ràpidamente que os demais; vem ao encontro desta suposição o fato de o "Burbon" o acompanhar nessa mesma manifestação, como "um fidalgo que exige tratamento de fidalgo", no dizer de Dafert.

O "Amarelo" só foi realmente superado pelo "Nacional", sabidamente o mais rústico de todos.

Para o conjunto de dez anos não se constatam diferenças ponderàvelmente é a consequência de um período longo de vigor e pequeno de decadência, resultados êsses que não invalidam a conclusão precedente.

Quanto à correlação que possa existir entre o "tipo" ou, melhor, **tamanho das sementes** e a "bebida", é preciso discutir a questão com pouco mais de detalhes do que temos feito até aqui, na falta de elementos mais positivos.

À primeira vista, e de um modo geral, colhemos a impressão que não existe correlação alguma entre êsse tamanho e a bebida, como provam os exemplos que vamos enumerar, deduzidos todos de nossas experiências, realizadas, aliás, visando outros objetivos; (4)

1.º) Em uma experiência, na qual procurávamos vislumbrar diferenças de "bebida" entre os produtos das quatro variedades que vinhamos estudando, tanto encontrámos a bebida "dura" para os "mocas" como para as peneiras 16 e 18, fato êsse que se repete em outras experiências sôbre fermentações;

2.º — Em outra, sôbre os efeitos de sombreamento, tanto produziram bebida "dura" as peneiras 16 e 18, em uns casos, como o "estrita-

---

(3) — C. A. Krug, J. E. T. Mendes e Alcides de Carvalho — "Taxonomia de Coffea arabica L." 1938 — 19 e 20.

---

(4) — Devemos lembrar que todos os trabalhos de classificação foram realizados pela Secção de Classificação do antigo Instituto do Café de São Paulo, hoje "Superintendência dos Serviços do Café", da Secretaria da Fazenda, aos funcionários da qual, especialmente ao Sr. José Largacha, agradecemos a solicitude com que sempre nos atenderam.

mente mole", em outros. Tanto revelou essa mesma bebida "estritamente mole", um de peneira 18, tipo 3, como um seu irmão, classificado como 4 + 10;

3.º) — Em outro trabalho, encontramos o qualificativo de "mole bôa" para um café tipo 2, peneira 17½ e igual denominação para o respectivo "moca". classificado como 6-20. Do mesmo modo, tanto produziu "simplesmente mole" um "chato tipo 2", como seu correspondente em tratamento, tipo 7. E mais notável ainda nessa mesma experiência encontrámos dois lotes "estritamente mole", tanto para a peneira 18, tipo 2, como para suas respectivas "escolhas";

4.º) — Em uma experiência sôbre adubações, encontrámos, para o mesmo tratamento, a bebida "mole" para o tipo 6 e a de "Rio" para o 6-25;

5.º) — O exemplo que mais nos deixa emdúvida provém de uma experiência na qual estudávamos diversos tipos de seca. Aí encontrámos, em 5 casos, a bebida diretamente correlacionada com o tipo, em outras 5, indiferente, e, cousa curiosa, dois de resultados contraditórios: em uma delas, o "escolha", trazendo como nota de "abaixo" de qualquer classificação, como possuidora de melhor bebida que o seu respectivo tipo 3, e outra — um despolpado, no qual o tipo 7 obteve "estritamente mole", ao passo que o seu tipo 3 só obteve "mole".

Dispensável será dizer que só comporámos café tratados em perfeita igualdade de condições, muitas vezes sòmente separados por peneiras ou à mão, depois de beneficiados.

Poderiamos ainda prolongar êstes exemplos, demonstrando que não existe uma **correlação obrigatória** entre o tamanho ou "tipo da semente" e sua correspondente "bebida". Êste fenômeno patentea-se principalmente nos extremos: quando a bebida é realmente "estritamente mole", ela se releva na maioria dos casos, em todos as tipos ou, em posição oposta, quando é caracterìsticamente "dura" ou "Rio", afeta igualmente todos os tamanhos. E' que evidentemente, fatores outros sobrelevam o valor do tamanho das sementes, como sejam as qualidades intrínsecas dos frutos e das condições extrínsecas que presidem seu secamento, meio e modo.

Não se poderá, contudo, negar que a não ser nesses casos,e mesmo em muitos dentre êles, pode e deve haver alguma correlação entre essas duas manifestações biológicas, especialmente quando a classificação e seu complemento "catação" foram rigorosos; do contrário, a maior ou menor presença de "pretos" ou de sementes pequenas, mirradas, produto de frutos colhidos verdes, pode e deve afetar diversamente o paladar do lote em que se fizeram notar, mascarando qualquer possível correlação entre o tamanho e gôsto.

Que essa correlação pode existir demonstra-o o Quadro VII, que aqui damos com detalhes porque é elucidativo.

Não tem êsse quadro, nesta experiência, o fim de colocar em destaque a superioridade de uns tratamentos em relação a outros. Visamos tão sòmente, mostrar que a simples separação por peneiras, pode revelar em um mesmo lote, bebidas diversas, mostrando aquela correlação de que atrás falamos.

QUADRO V

Resumo dos precedentes

Durante os 7 primeiros anos (1) (médias)		%				Nos. Proporcionais			
		Amarelo	Nacional	Sumatra	Burbon	Amarelo	Nacional	Sumatra	Burbon
Sôbre café em côco	[Cafés bons	47,8	45,5	44,9	43,6	100	95,2	93,9	91,2
	[Escolha	6,0	7,0	7,9	7,7	100	117,9	132,2	129,7
Sôbre o café beneficiado	[Cafés bons	89,0	86,4	85,1	85,0	100	96,0	95,6	95,5
	[Escolha	11,0	13,6	14,9	15,0	100	123,0	135,0	136,0
Durante os três últimos anos (2) — 1940-42-44)									
Sôbre café em côco	[Cafés bons	39,4	40,1	43,7	40,6	100	101,7	110,9	103,0
	[Escolha	5,2	7,7	8,1	8,3	100	148,0	155,8	159,6
Sôbre o café beneficiado	[Cafés bons	82,6	85,7	83,7	83,0	100	104,0	101,5	100,7
	[Escolha	17,6	14,2	16,2	16,9	100	80,7	92,0	96,0
Para os 10 anos em conjunto									
Sôbre café em côco	[Cafés bons	45,2	43,9	44,5	43,4	100	97,1	98,4	96,0
	[Escolha	5,7	7,2	7,9	7,9	100	126,3	138,6	138,6
Sôbre o café beneficiado	[Cafés bons	86,3	86,2	84,6	84,5	100	99,8	98,0	97,9
	[Escolha	13,6	13,6	15,3	15,5	100	100	112,5	114,0

(1) — Cafèzal em pleno vigor (de 7 a 14 anos de idade) e beneficiamento pela primeira máquina.

(2) — O segundo período, abrangendo os três últimos anos dêste trabalho, é aqui estudado separadamente em consequência do declínio do "Nacional", do "Burbon" e especialmente, do "Amarelo de Botucatú", pelos motivos expostos no texto; além dêsse motivo, o fato de terem sido essas três safras beneficiadas na segunda máquina — a "S. Paulo N.º 1".

QUADRO VI

Relações entre a produção, tipos e o decorrer das estações

Anos agrícolas	Produções relativas de café em vôco (1)				beneficiamento (2) % Rendimento no				Produções relativas de café beneficiado (3)				Chuvas m. m.	DISTRIBUIÇÃO DAS CHUVAS SEGUNDO OS MESES											
	Sumatra	Burbon	Nacional	Amarelo	Sumatra	Burbon	Nacional	Amarelo	Sumatra	Burbon	Nacional	Amarelo		Julho	Agôsto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho
1930 - 31	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1720	68,5	47,1	25,6	116,4	108,0	328,6	324,2	334,4	184,3	103,0	37,0	16,0
1931 - 32	100	100	100	100	61	61	60	62	100	100	100	100	1213	38,9	11,0	138,2	65,8	214,0	149,1	204,2	95,7	123,8	30,4	98,2	44,0
1932 - 33	7	**173**	44	**150**	61	52	56	55	7	**147**	40	**133**	1170	4,6	46,2	48,6	113,4	174,8	336,4	119,6	150,0	41,6	4,0	77,0	53,8
1933 - 23	54	43	45	29	53	49	48	50	47	34	36	23	953	7,0	15,4	50,8	109,2	40,1	302,0	220,0	103,4	46,7	21,6	0,0	37,5
1934 - 35	14	48	23	61	52	48	49	51	12	38	19	49	1230	0,0	6,0	59,8	70,4	122,9	415,9	91,2	194,4	140,0	68,8	6,8	53,8
1935 - 36	73	**150**	77	**122**	48	44	44	45	57	**109**	56	**87**	1292	16,4	18,4	223,8	211,4	82,0	184,7	84,8	203,4	202,4	37,8	25,6	2,0
1936 - 37	64	95	68	**138**	46	57	57	59	48	88	64	**131**	1411	20,8	106,4	88,0	51,8	86,8	293,6	139,0	95,8	206,2	203,0	74,4	46,0
1937 - 38	66	97	87	86	55	53	54	55	59	84	76	76	1037	0,0	67,0	13,8	115,6	121,8	141,8	158,3	120,6	107,0	66,0	-85,5	0,0

	Peneiras 18 e 19 (4)				Peneiras 15, 16 e 17				Cafés mocas				Cafés bons — Total (5)						Julho	Agosto	Gráos de calor								Maio	Junho	TOTAL
																					Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abril			
1930 - 31	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	S	B	N	A	Med.	541	600	594	655	664	693	659	623	692	637	553	493	7404
1931 - 32	**23**	**28**	**28**	**31**	56	50	50	49	7	7	6	7	7	**86**	**85**	**84**	**87**	**86**	546	556	564	641	640	716	690	707	713	670	572	489	7504
1932 - 33	—	6	12	14	—	**66**	**66**	**67**	—	5	6	6	6	—	77	84	87	83	558	521	613	667	680	705	729	669	697	612	554	453	7458
1933 - 34	10	10	12	12	64	64	66	64	9	11	6	12	12	83	85	84	88	85	495	551	604	664	648	701	704	683	744	648	583	541	7566
1934 - 35	**23**	**17**	**19**	**19**	57	66	64	65	**11**	**13**	**13**	**12**	**12**	**91**	**96**	**96**	**96**	**95**	501	580	592	670	716	731	739	653	737	593	512	530	7554
1935 - 36	5	4	4	5	**71**	**66**	**68**	**72**	10	9	11	12	12	86	79	83	89	84	567	569	582	649	682	769	761	683	687	636	648	578	7811
1936 - 37	**22**	**12**	**14**	**18**	57	64	60	57	9	10	10	11	11	**88**	**86**	**84**	**86**	**86**	530	528	579	672	680	737	692	673	715	613	547	509	7474
1937 - 38	8	4	6	5	**60**	**63**	**68**	**66**	**14**	**20**	**16**	**19**	19	82	87	90	90	87	543	587	591	650	676	684	766	681	761	638	563	510	7650

(1) e (3) — Produção relativas de cada variedade, por ano, em relação ao ano base — 1932.
(2) — Frações aproximadas para ter todos os resultados em números inteiros.
(4) — Em todos os casos desta segunda parte do quadro frações aproximadas, e tudo relativo ao total de café beneficiado.
(5) — Soma das 5 primeiras peneiras e dos três de "Mocas".

Cada lote, de um mesmo tratamento, foi separado em duas partes: uma retida acima da peneira 15, sem outra separação, e outra que lhe ficava abaixo, reunindo os cafés menores, quebrados, bichados, escoimados, porém, de outras impurezas. A esta fração demos o nome de "escolha", sem o ser muitas vezes, como no caso dos cafés despolpados. A correlação entre a "bebida" e essas duas frações é evidente em oito casos sôbre os onze estudados.

Poderíamos repetir o exemplo com outros trabalhos nos quais se patenteia a citada correlação, a despeito de alguns casos contraditórios.

Conclusão — Concluimos que se não existe uma **correlação obrigatória** entre tamanho das sementes e sua "bebida", o mais natural é que essa correlação deva existir na generalidade dos casos, maximé quando a classificação fôr perfeita, não permitindo assím a mistura de "tipos" que podem provir de estados diversos de maturação, da sêca, ou da fermentação dos frutos. A diversidade de tamanhos pode também afetar a uniformidade da "torração".

Daí se concluir que os tipos finos devem ser escoimados dos edefeitos que, afetando seu aspecto, mais os desvalorizam diminuindo suas qualidades gustativas.

Concluimos êste artigo voltando à questão das variações de produção do cafeeiro.

Tôdas as variedades, umas mais, outras menos, revelam, durante o decorrer de sua vida, oscilações de produção, muitas vezes notáveis. Fenômeno inconteste, sobejamente constatado na prática, explica-se satisfatóriamente pelo fato de se saber que "o cafeeiro só frutifica em ramo do ano passado", isto é, em ramos que despontaram com a primavera, se desenvolveram durante o início do verão do ano anterior e mais ainda do próprio em que se vai realizar a frutificação. Durante a primavera e o verão crescem em comprimento os galhos, no outono amadurecem e se preparam para o florescimento. Mais que nos climas temperados, o nosso, fugindo ao rigorismo astronômico, permite uma primavera antecipada, se não sobrevierem sêcas excessivas. Estas, então, vão desempenhar papel de destaque no modo de florescer do cafeeiro e no de preparar a futura produção.

Ora, qualquer que seja o solo ou a idade da planta, desde que não revelem declínio acentuado de fertilidade o primeiro, ou de vigor a segunda, nesta vão se refletir os fenômenos que condicionam o crescimento de seus ramos e, consequentemente, a ano favorável deve futuramente, corresponder maior produção, supostos iguais todos os demais fatores, dentre os quais desempenha papel de relêvo o decorrer do inverno (Junho-Setembro) durante o qual vai se **preparar e se processar o florescimento,** fenômenos êsses condicionais à fisiologia da planta, ainda mal conhecidos para o caso do cafeeiro. A física do solo, seu teor em matéria orgânica, têm que ter papel saliente. Baste-nos lembrar o retardamento da maturação nos casos de adubações orgânicas exageradas.

Das quatro variedades que vínhamos cultivando experimentalmente, três revelaram decadência prematura em consequência de causas já mencionadas; o "Sumatra", todavia, por não ter sido afetado do mesmo

QUADRO VIII

Anos	Chuvas m. m.	Produção Kgs. (1)	Números proporcionais (2)	Números proporcionais (3)
1930-31	1.720	60	100	21
1931-32	1.213	817	1.361	286
1932-33	1.170	60	100	21
1933-34	953	387	645	135
1934-35	1.230	100	166	35
1935-36	1.292	468	780	164
1936-37	1.411	402	670	141
1937-38	1.037	484	806	170
1938-39	1.577	60	100	21
1939-40	1.356	255	425	89
1940-41	1.064	70 (4)	116	24
1941-42	1.392	398	663	140
1942-43	1.289	0 (5)	0	—
1943-44	1.371	578	963	203
1944-45	1.605	71	118	24
1945-46	1.119	303	505	106
1946-47	1.307	346	576	121
1947-48	1.391	283	471	99

(1) — Produção de café beneficiado total nos 244 pés que constituem a experiência. A produção de 1930 não foi realmente de zero como se representa no gráfico; como primeira e insignificante produção, foi desprezada.

(2) — Números proporcionais em relação à primeira, tomada como ponto de partida.

(3) — Números proporcionais, tomando-se como base o número 100 representando a média de produção nos 18 anos de observação (média de 285 kgs ou 78 arrobas por mil pés).

(4) — Ano em que empregámos forte adubação fosfatada em todo o lote, adubação essa que sempre se manifstou favorável até a colheita de 1948, como se deduz de outras obeservações.

(5) — Não foi pròpriamente de zero a produção de 1943, mês tao mesquinha em consequência das repetidas geadas de 1942, que assim preferimos considerar; nem ao menos realizamos sua colheita.

(Do anais da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" — Universidade de São Paulo — Vol. V 1948)

QUADRO VII

Correlação entre tamanho das sementes e bebidas

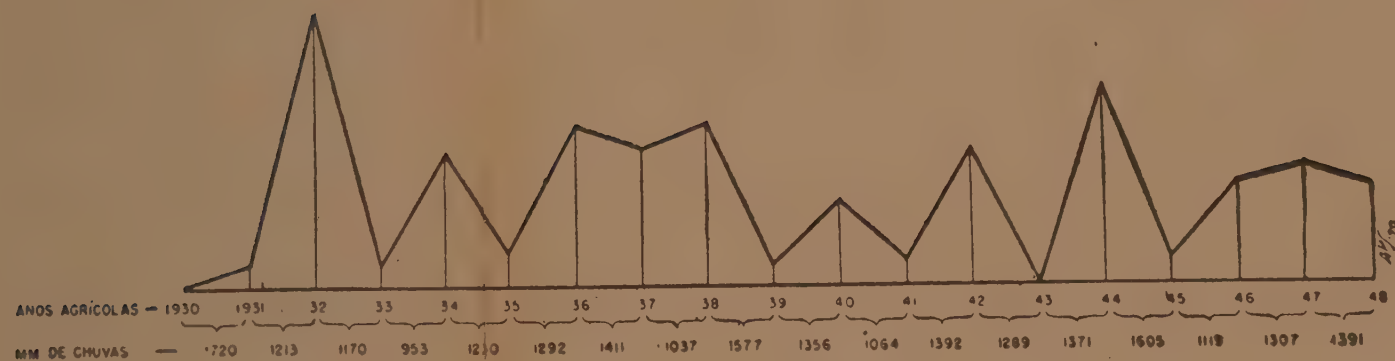
N. de ordem	Colheita	Tratamento	Classificação do Instituto do Café (3)			
			Tipo	Seca	Torração	Bebida
1	A dedo (1)	Luz indireta, terreiro, cobertura com pano	4	Boa	Boa	Mole-boa
1 A	Escolha do n.º 1 (2)	Luz indireta, terreiro, cobertura com pano	8	Boa	Boa	Mole-boa
2	Derriça	Luz indireta, terreiro, cobertura com pano	3-35	Boa	Reg. Boa	Simplesmente mole
2 A	Escolha do n.º 2	Luz indireta, terreiro, cobertura com pano	8	Boa	Reg.	Dura
3	A dedo	Despolpado, terreiro, cobertura com pano	3-15	Boa	Boa	Estritamente mole
3 A	Escolha do n.º 3	Despolpado, terreiro, cobertura com pano	7	Boa	Má	Simplesmente mole
4	A dedo	Seca à sombra (4), ambiente pouco ventilado	3-30	Boa	Boa	Mole-boa
4 A	Escolha do n.º 4	Seca à sombra (4), ambiente pouco ventilado	7-40	Boa	Reg.	Mole-boa
5	Derriça	Seca à sombra (4) ambte. regularmente ventilado	3-10	Boa	Reg.	Estritamente mole
5 A	Escolha do n.º 5	Seca à sombra (4) ambte. regularmente ventilado	7-40	Boa	Má	Mole
6	A dedo	Despolpado à sombra, ambiente muito ventilado	3-10	Boa	Boa	Estritamente mole
6 A	Escolha do n.º 6	Despolpado à sombra, ambiente muito ventilado	7-5	Boa	Reg.	Simplesmente mole
7	A dedo	Seca a pleno sol, terreiro, sol brando	3-45	Boa	Boa	Mole
7 A	Escolha do n.º 7	Seca a pleno sol, terreiro, sol brando	7-45	Boa	Má	Simplesmente mole
8	Derriça	Seca a pleno sol, terreiro, sol brando	4-30	Boa	Boa	Simplesmente mole
8 A	Escolha do n.º 8	Seca a pleno sol, terreiro, sol brando	8	Boa	Má	Dura
9	A dedo	Despolpado — seca a pleno sol	4/5	Boa	Boa	Estritamente mole
9 A	Escolha do n.º 9	Despolpado — seca a pleno sol	7-5	Boa	Má	Simplesmente mole
10	A dedo	Seca com ferment. 42.º C 2 vezes — terreiro	4-15	Boa	Boa	Dura
10 A	Escolha do n.º 10	Seca com ferment. 42.º C 2 vezes — terreiro	7-40	Boa	Reg.	Dura
11	Derriça	Seca com ferment. 42.º C 2 vezes — terreiro	3-45	Boa	Boa	Simplesmente mole
11 A	Escolha do n.º 11	Seca com ferment. 42.º C 2 vezes — terreiro	Abx.	Boa	Boa	Dura

(1) — Não se trata pròpriamente de "colheita a dedo", senão da escolha, no terreiro, dos frutos maduros, com eliminação completa de verdes e sêcos. Em todos os casos tratados logo após a colheita.

(2) — Não se trata verdadeiramente de "escolhas" e sim da separação de todos os cafés que ficavam retidos pela peneira 15 (são de nºs.simples), dos que lhes ficavam abaixo, para onde afluiam todos oscafés inferiores, como os mocas, quebrados, bichados, tudo emfim, menos palhas e quaisquer outros detritos (são os de nºs. seguidos de letra A. Essas "escolhas" revelam aspeto quase ótimo nos despolpados (3A, 6A e 9A); eram ainda de aspeto muito bom nos demais.

(3) — Carta N.º I — 2-38 - D. F. — 1481 e de 12-12936, assinada por D. Amorim; classifi. de José Largacha.

(4) — A secagem à sombra exige cuidados especiais para que se não verifique emboloramento, caso em que o café deve ir imediatamente para o sol, por algumas horas consecutivas. Foi o que fizemos varias vezes.

PRODUÇÕES DO CAFÉ "SUMATRA" - 1.930-1.948.
(CAFÉ BENEFICIADO - TOTAL).

modo, sobreviveu em condições normais de cafèzal em terra velha, o qual, bem tratado vai nos proporcionar alguns elementos para a apreciação daquele fenômeno biológico.

Seja êle o "Sumatra" e, melhor ainda, se fôr realmente o "Nacional", como preferem os técnicos do Instituto Agronômico de Campinas, os dados que mais intimamente interessam estas observações são: a grande uniformidade do lote e o fato de ser êle constituido, desde sua origem, exclusivamente de "mudas de tôco", três por cova, em terra roxa de diabasio, velhíssima de culturas anteriores.

Convém salientar que no decorrer de 20 anos de observação, sôbre 244 "pés de café" dêste lote (realmente 732 indivíduos), só constatamos duas "falhas" ou seja, menos de um por cento, ao passo que no restante do cafèzal, constiudo de "Burbon", "Amarelo" e "Nacional" (êste o mesmo que o "Sumatra", segundo as opiniões já referidas), de semeadura direta e de mudas de jacàzinho, as porcentagens de perda de plantas sempre foram muitíssimo mais elevadas. Êsse fato vem em abono daquele tipo de muda, como já descrevemos em outra publicação (5). Mudas de mais ou menos dois anos e meio de viveiro, plantadas em 27--3-1927, já em 1931 produziram inicial frutificação, que em nosso gráfico representamos arbitràriamente (por não ter sido beneficada) por 60 quilos de café beneficiado, em consequência de não ser inferior, na aparência, à de 1933.

Resumimos no Quadro VIII e no gráfico correspondente os principais dados de produção, desde 1931 a 1948.

Dessa exposição se conclui, o que aliás é sobejamente sabido, quão oscilante é a produção do cafeeiro no clima paulista, mesmo quando muito regularmente tratado.

---

(5) — "A replanta de um cafèzal" — Revista de Agricultura 1935, Vol. 10 — N.º 3-5 — 108.

O CAFÉ NA FRANÇA

Do conhecido boletim Delamare, do Havre, número de Janeiro-Fevereiro, transcrevemos os seguintes números e trechos: **O consumo francês** de café passou a marca dos dois milhões de sacas em 1949, cujas procedências foram:

Costa do Marfim	818.750		Brasil	552.800	
Camerun	177.166		Angola	31.733	
Togo	43.400		Uganda	4.583	
Congo Central ...	37.117		Colômbia	12.300	
Guiné Francesa ..	34.567		Equador	1.334	
Nova Caledônia ..	14.450				
Guadalupe	1.933		Total dos produtos estrangeiros		602.750
Madagascar	391.317				
Total das colônias francesas		1.458.700	Total geral		2.061.450

Relativamente à liberdade concedida ao café, conforme o govêrno anunciára em fins de dezembro último, aquele Boletim faz vários comentários, dos quais destacamos os seguintes: "De fato o café é "livre" si a questão é considerada do lado do consumidor: Póde-se agora comprar café sem coupon; pode-se comprar a quantidade desejada, e ainda escolher a qualidade preferida, principalmente entre um Libéria em um Brasil "softish". Mas, justamente agora, é-se obrigado a pagar um aumento de preço de 50% pelo café: 420 francos por quilo em dezembro e 632 francos em janeiro. Isto deve ser o tributo, um parcialmente justificado tributo, pois os preços oficiais na França não subiam ha um ano, não obstante a alta mundial do café. Si a questão da liberdade é considerada pelo lado dos importadores, o café goza, no momento, de uma... liberdade rigorosamente controlada: Para o café estrangeiro, licenças de importação autorizações de crédito, lucro, e contrôle de preço, continuam sendo os principais obstáculos para um comércio realmente livre; e mesmo a distribuição do café colonial está ainda sujeita a normas e regulamentos."

O CAFÉ NO EQUADOR E NA COLÔMBIA

A revista "Foreign Commerce Weekly", de Março último **divulgou** o seguinte sôbre a situação do café no Equador: "A produção de café **Equador,** no ano de safra 1949-50, é calculada entre 175.000 e 190.000 sacas de 60 quilos. A safra seguinte, a de 1950-51, é calculada em **225.000 sacas.** O total dos estoques, em fins de 1949, foi calculado em 40.000 sacas. O **consumo doméstico** no país é de aproximadamente **35.000 sacas.** A agência governamental, Corporação de Fomento, patrocinou o estabelecimento de um Instituto Equatoriano do Café, cujo objetivo principal será: o aumento da cultura do café nas zonas apropriadas; a utilização de métodos científicos e técnicos capazes de aumentar o volume das safras; o melhoramento da qualidade e o estabelecimento de uma posição vantajosa para o café nacional nos mercados do país e do exterior." — A mesma publicação informa que a safra colombiana estava, no fim de janeiro, pràticamente recolhida, tendo atingido 3.200 mil sacas a exportação.

(Do Boletim Semanal da ass. com. de Santos — N.º 100)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 659 **CARTA SEMANAL DO MERCADO** **3 de Fevereiro de 1950**

SITUAÇÃO GERAL: Desde há três ou quatro meses que a Bolsa de Valores vem indicando, de maneira iniludível, que as perspectivas econômicas do país são excelentes, pelo menos para o futuro imediato. Com efeito, as emprêsas industriais e comerciais começaram a divulgar as contas relativas ao último trimestre do ano passado e algumas mostram lucros tão grandes ou maiores do que os lucros do trimestre correspondente ao ano anterior, o qual foi, como se sabe, de excepcional prosperidade para os Estados Unidos. Ao que parece, a certeza de bons dividendos para o ano corrente levou o público a participar na Bolsa a qual, desde Outubro passado, tem estado extremamente ativa com cotações em ascendência.

Os analistas do mercado e economistas em geral admitem, porém, a despeito da situação bastante alviçareira para a economia durante a primeira metade do ano corrente, certa preocupação relativamente as perspectivas para o segundo semestre, pois receiam que para essa época a procura no varejo terá diminuido afetando, diretamente, o rítmo da produção industrial. Êles notam, contudo, que a situação no que respeita a inventários é bastante boa, de vez que tanto a indústria como o comércio estão operando, por assim dizer sem estoques acumulados. Simultâneamente o consumidor reentrou no mercado comprando, agora, livremente sem esperar por reduções de preços tal como sucedeu no ano passado. Esta procura ativa, por parte do consumidor, bem poderia desfazer as apreensões que hoje se notam, entre os economistas, a respeito das perspectivas econômicas para o segundo semestre do ano em curso.

MERCADO DE CAFÉ: Êste mercado continuou pràticamente na mesma situação que descrevemos aqui na semana passada. Notaram-se, contudo, certos sinais de que se aproxima a data em que a procura terá de se expandir. Alguns analistas chegaram mesmo a predizer quando êsse fenômeno terá lugar. A opinião geral é que a expansão da procura terá de ocorrer de 15 dêste mês a 15 de Março.

A nota dominante no mercado é o fato dos torradores estarem vendendo o café torrado a preços geralmente inferiores ao custo de substituição. Consequentemente, poder-se-ia dizer que o mercado de disponíveis mantém-se, atualmente, a níveis inferiores aos preços dos cafés para embarque.

O têrmo local registrou um aumento de volume mas, segundo as notícias que correm nesta praça, a maioria das operações foi de mudança de posição. Pelo menos é o que se depreende do fato de que a posição aberta revela uma mudança insignificante em comparação com as cifras da semana passada. No que respeita a posição individual dos Contratos "S" e "D", deu-se um ligeiro aumento no primeiro e uma pequena redução no segundo. As cifras relativas aos lotes pendentes de entrega em ambos contratos são como segue: 2.775 contra 2.763 no Contrato "S" e 237 contra 245 no Contrato "D". As cotações em geral não mostraram maior estabilidade do que na semana passada, como se poderá ver no quadro N.º 1432 anexo a esta CARTA SEMANAL.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A escassa procura por parte dos torradores continua afetando o nível das cotações. Os preços nesta praça revelam certa debilidade ao passo que as ofertas dos países produtores mantém-se pràticamente nominais. Relativamente aos cafés brasileiros, o tipo Santos 4 é oferecido de 47 c/ para cima, F.O.B. ao passo que há umas pequenas ofertas a 46,75 c/. Os cafés colombianos são cotados de 51,25 c/ a 51,75 c/ para embarque, ex-doca Nova York.

NOTÍCIAS VÁRIAS: A "Association Films Inc." acaba de nos informar que ascende a 1.171.893 o número de pessoas que desde 1.º de Janeiro a 30 de Novembro de 1949 viram exibições de filme "Good Things Happen Over Coffee" preparado pelo Bureau. Êste total não inclue, porém, os espectadores que viram o referido filme através de televisão ou por intermédio das exibições feitas pelo Bureau.

Bolsa de Café e Açúcar de Nova York: O comitê de café da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York está estudando, atualmente, a conveniência de estabelecer um novo contrato que seria denominado Contrato "K". O novo contrato especifica a entrega de cafés suaves brasileiros embarcados nos portos de Santos, Paranaguá, Angra dos Reis e Rio, dos tipos 2 a 6 — em uma média não superior a 3 ou inferior a 5 — torrefação de média a boa, suave, entrega nos armazéns gerais de Nova York. O tipo 4 teria que ser o gráu básico com os seguintes diferenciais: 3 com um prêmio de ½ c/; 2 com prêmio de ¾ c/; 5 menos de 1 c/; 6, menos de 2½ c/. Êstes diferenciais serão ajustados periodicamente segundo as condições do mercado. O porto principal de embarque será Santos, e os cafés alí embarcados devem ser favorecidos com um prêmio de 50 pontos sôbre os cafés embarcados em Angra dos Reis e Rio.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais — Destinos Principais: E. Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	28-1-1950	165.000	99.000	43.000	307.000
	21-1-1950	150.000	34.000	3.000	187.000
	29-1-1949	155.000	37.000	20.000	212.000
COLÔMBIA**	28-1-1950	65.941	7.892	3.629	77.462
	21-1-1950	171.324	1.582	4.328	177.234
	29-1-1949	85.775	153	1.281	87.209

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 28-1-1950	21-1-1950	29-1-1949
BRASIL*	Santos	2.225.000	2.270.000	2.157.000
	Rio	913.000	932.000	836.000
	Vitória	121.000	128.000	69.000
	Paranaguá	151.000	165.000	303.000
	Pernambuco	36.000	37.000	33.000
	Bahia	30.000	33.000	72.000
	Angra dos Reis	40.000	36.000	42.000
	Total	**3.516.000**	**3.601.000**	**3.572.000**

COLÔMBIA**	Barranquilla	116.389	95.087	150.688
	Cartagena	51.796	48.261	20.791
	Buenaventura	129.671	93.210	143.053
	Cucuta	35.932	37.499	45.039
	Total	**333.788**	**274.057**	**359.571**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK: *

Países de origem (Sacas de pesos diferentes)

Semana de:	Brasil	Colômbia	Outros	Total
28-1-1950..................	196.791	156.919	84.860	438.570
21-1-1950..................	212.256	149.977	80.764	442.997
29-1-1949..................	209.287	157.019	93.169	459.475

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.

(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.

Escritório Pan-Americano do Café — **Quadro Estatístico N.º1432**

COTAÇÕES DE CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK

(Preços nos EE.UU. cents por libra peso)

CONTRATO "S" Santos	**Fech. 1-26-50**	**Máxi.**	**Mín.**	**Fech. 2-2-50**	**Var.**	**Vendas**
Março	48.70	49.30	48.40	48.85	+0.15	127
Maio	46.71	47.26	46.47	46.85	+0.14	244
Julho	45.70	46.20	45.35	45.60	—0.10	165
Setembro	44.70	45.10	44.34	44.35	—0.35	116
Dezembro	43.80	44.00	43.29	43.30	—0.50	194
CONTRATO "D" SANTOS						
Março	47.00	47.35	46.50	46.99	—0.01	18
Maio	45.25	45.40	45.30	45.30	+0.05	3
Julho	44.25	44.60	44.00	43.89	—0.36	8
Setembro	43.20	43.55	43.00	42.89	—0.31	2
Dezembro	42.26	——	——	41.77	—0.49	—

VENDAS

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato "D"	Total
2- 2-50......................	846	31	877
1-26-50......................	511	42	553

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇOS DE CAFÉ EM NOVA YORK, NA SEMANA FINDA EM 2-2-1950

	Semanas terminadas em: 2-2-50	1-26-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2	51.00	51.00	——
Santos tipo 4	48.00	48.00	——
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7 ...	36.00	36.00	——
Vitória 7/8 ..	34.00	34.00	——
COLÔMBIA			
Medellin ...	51.25	52.00	—0.75
Armenia ...	51.25	52.00	—0.75
Manizales ..	51.00	51.75	—0.75
Girardot	50.75	51.50	—0.75
COSTA RICA			
Tipo fino	52.00	52.00	——
Lav. tipo baixo	47.50	47.50	——
REP. DOMINICANA			
Lavado	48.00	48.00	——
Natural	40.00	40.00	——
EQUADOR			
Natural	41.00	41.00	——
EL SALVADOR			
Lav. tipo fino	52.00	52.00	——
Natural	44.00	44.00	——

	Semanas terminadas em: 2-2-50	1-26-50	Var.
GUATEMALA			
Bom lavado .	50.25	50.25	——
Bourbon	49.00	49.00	——
HAITI			
Lavado	48.00	48.00	——
Natural	45.00	45.00	——
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec ...	51.00	52.00	—1.00
Tapachula ..	49.50	49.00	+0.50
NICARAGUA			
Lavado	48.00	48.00	——
VENEZUELA			
Tachira lav. .	52.00	52.00	——
Tachira nat. .	44.00	44.00	——
Trujillo	41.00	41.00	——
ROBUSTA			
Lavado	(*)	(*)	
Natural	37.00	37.00	——
PORT. W. ÁFRICA			
Amboin	41.00	41.00	——
MOCHA	55.00	55.00	——

(*) Não cotado.
NOTA: Nominal.

N.º 317 O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA 3 de Fevereiro de 1950

PAÍSES PRODUTORES

Venezuela: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 30 do mês passado, transcreve-se o seguinte: "Segundo informações recebidas da Embaixada dos Estados Unidos em Caracas, o Chefe da Seção do café Cacau do Ministério de Agricultura e Cria, declarou que o impôsto de exportação sôbre o café que deveria

começar a vigorar a partir de 1.º de Novembro de 1949, não será arrecadado pelos seguintes motivos: Êste impôsto, criado por decreto do govêrno de 27 de Setembro de 1949, não era realmente uma taxa mas antes uma redução no "prêmio" pago pelo café de exportação sôbre o tipo de câmbio oficial para o dólar. À vista da alta dos preços do café no mercado mundial, que ocorreu em Outubro, o Govêrno de Venezuela interrompeu o pagamento de tal "prêmio". Como o impôsto em questão se destinava ao Fundo Nacional do Café, êste Fundo não será constituído enquanto o café permanecer aos altos níveis atuais".

Impôsto Sôbre o Café em Puerto Rico: O "New York Times", de 30 de Janeiro, publicou o seguinte telegrama de Puerto Rico acêrca do novo impôsto sôbre o café decretado pelo Governador daquela ilha: "O Governador Luis Munoz Marin assinou, esta manhã, um decreto que impõe uma taxa de 11 c/ por libra sôbre o café da presente safra de Puerto Rico. Êste decreto entrou em vigor imediatamente. O café que se vendia no varejo a 51 c/ por libra custa agora, pelo menos 62 c/. O Governador declarou, a propósito, de que a nova taxa não era a causa principal do aumento dos preços do café, de vez que Puerto Rico importa 1/3 do seu consumo e os preços do produto são fixados pelo mercado mundial o qual está passando, agora, por uma situação de escassez. O Governador acrescentou que, sem aquela medida, os monopólios bem poderiam vender para Nova York, a altos preços, todos os produtos de exportação. O Govêrno insular distribuirá o referido impôsto da seguinte maneira: 2 c/ para o intermediário, 4½ c/ para o cafeicultor e 4½ c/ para o trabalhador rural. O Govêrno de Puerto Rico impõe uma taxa de consumo de 18 c/ por libra sôbre os cafés estrangeiros, inculindo o café proveniente dos Estados Unidos. O Governador teve longas deliberações antes de assinar o novo decreto, pois o café constitue um artigo de primeira necessidade entre a população rural da ilha".

O Movimento de Café na Colômbia: A filial em Medellin do National City Bank de Nova York, informa o seguinte, sob a data de 20 de Janeiro, acêrca da situação naquele país: "De acôrdo com as declarações do Secretário da Sociedade Agrícola de Antioquena a um jornal local, espera-se duplicar, dentro de 5 anos, a produção naquela região. A Sociedade pensa, também, pôr em prática métodos mais científicos de cultura afim de desenvolver árvores com maior capacidade produtora, reduzindo, eventualmente, sua altura por meio de plantação seletiva, de forma que as cerejas possam ser colhidas mais ràpidamente. Quanto ao movimento do café, no porto fluvial de Puerto Barrio encontram-se 20.000 sacas de café nos armazéns e cêrca de 10.000 sacas estão a caminho dos portos da costa caribiana. O nível do rio é baixo e embora seja navegável para os navios pequenos, as unidades maiores estão sujeitas a demoras. Buenaventura encontra-se ainda bastante congestionado, havendo cêrca de 45.000 sacas de café nos armazéns e aproximadamente 8.500 toneladas de outras mercadorias importadas, esperando distribuição. A estrada de ferro parece que está funcionando normalmente de Buenaventura para Cali mas a rodovia, muito usada por caminhões continua em má condição. Segundo nos disseram, o motivo para o presente congestionamentos nos portos é a falta de operários competentes e estivadores que abandonaram a cidade durante os tumultos políticos do ano passado, e que ainda não voltaram. Êles foram substituídos por trabalhadores sem experiência, os quais não sabem realizar as operações necessárias".

ESTADOS UNIDOS

Os Preços do Café e o Público: Com êste título publicou a revista "Tea and Coffee", edição de Dezembro, um artigo do qual reproduzimos os seguintes trechos: "A imprensa e o rádio realizaram um bom trabalho, durante o outono passado, informando o público acêrca da situação dos preços do café. Uma boa parte do material publicado ou divulgado pelo rádio foi bem escrito e cuidadosamente revisado. Houve, naturalmente, excepções, gritos histéricos inspirados por um prurido de sensacionalismo. Um rápido exame dêsse material — artigos de jornais e revistas, comentários pelo rádio, declarações feitas por emprêsas cafeeiras, etc. — envidencia fatos significativos para a indústria. Tais fatos mostram a necessidade, confirmada aliás pela atual situação, dos comerciantes manterem o público bem informado sôbre todos os problemas da indústria. Apesar da maior parte dos jornais ter usado os dados dos Departamentos de Agricultura e de Comércio e da National Coffee Association, houve alguns redatores e locutores que, no desejo de serem originais, fizeram afirmações sem qualquer base nos fatos. Vejam-se, por exemplo, estas linhas escritas num dos grandes jornais de Chicago:

> "Por mais estranha que nos tenha parecido, aqui em Chicago, a situação cafeeira, ela é, contudo, muito mais estranha no Brasil. O ano passado foram queimadas naquele país 80.000.000 de sacas de café com o fim de manter os altos preços para o produto. Hoje há escassez de café e os preços são mais altos".

"Um locutor disse pelo rádio com a voz tremendo de indignação, de que o café a cinco centavos nos restaurantes proporcionava bastante lucro mesmo considerando a alta dos preços. E para provar o seu ponto de vista, o indignado locutor citou cifras com todo o ar de uma autridade no assunto. Ninguém sabe, porém, onde êle obteve tais cifras.

Entre os atores cómicos do rádio, sempre em busca de temas da atualidade para divertir os seus ouvintes, as anedótas sôbre os preços do café são a moda hoje em dia. Algumas destas anedótas não têm má intenção e por isso não prejudicam o café, mas outras há que, ao serem contadas de determinada maneira, torcem o assunto e deixam uma certa suspeita sôbre o café.

Dentro da indústria cafeeira, a National Coffee Association fêz todo o possível por manter o público bem informado, expondo-lhe os fatos essenciais da situação por meio de publicações e entrevistas. Simultâneamente a National Coffee Association, por intermédio de sua carta semanal, comunica aos elementos do comércio fatos e idéias destinadas a facilitar-lhes a sua tarefa de elucidação do público e dos seus clientes.

A organização oficial dos países produtores, o Bureau Pan-Americano do Café, publicou em 13 jornais diários através do país uma declaração de 1.500 linhas explicando a atual situação dos preços e os fatores que contribuiram para esta alta. O anúncio do Bureau saiu em jornais de grande circulação das seguintes cidades: Boston, Chicago, Houston, Los Ângeles, Minneapolis, New Orleans, New York, Philadelphia, San Francisco, Saint Louis e Washington.

O trabalho dos torradores individuais foi, também, notável. Alguns dêles apresentaram bem elaboradas explicações sôbre a alta dos preços que devem ter causado a melhor impressão no consumidor. Infelizmente houve outros torrado-

res que mostraram a maior indiferença perante o caso, não dando quaisquer explicações a respeito.

Alguns torradores fizeram, com efeito, uma propaganda inteligente, dizendo quer na imprensa quer no rádio que êles "também não gostavam dos altos preços" pedindo, assim, a compreensão e boa vontade do consumidor. Mas outros torradores não adotaram esta atitude. Um torrador, por exemplo, que vende uma marca bem conhecida de café, aproveitou a ocasião para dizer que à vista dos altos preços prevalecentes a sua marca é, agora, mais barata do que nunca porque permite ao consumidor usar uma quantidade menor de café para o mesmo tamanho de xícara".

Café com Água Fria: Uma firma do Midwest, Helmco, Inc., acaba de introduzir no mercado um aparelho de fazer café com água fria em vez de água quente, segundo lemos na edição de Dezembro da revista "Coffee & Tea". Êste aparelho, cujo preço no varejo é de $19,50 consiste de três unidades. O café coloca-se na unidade do meio, a água fria na unidade superior, e, nove ou dez horas mais tarde a unidade inferior está repleta de extrato de café. O fabricante diz que êste extrato pode ser usado da mesma maneira que "Instant Coffee", juntando-se-lhe apenas água quente. A firma Helmco assegura que por meio dêste sistema de preparar café com água fria, o consumidor evita os ácidos e ceras que estão presentes quando a bebida é preparada da maneira corrente. O novo aparelho chama-se "Filtron".

N.º 660 CARTA SEMANAL DO MERCADO 10 de Fevereiro de 1950

SITUAÇÃO GERAL: As emprêsas comerciais e industriais do país continuam divulgando as suas contas para o último trimestre do ano passado e distribuindo os respectivos dividendos. Os resultados dos negócios no ano passado estão de harmonia com as predições dos analistas do mercado os quais de há muito que vinham dizendo ter havido uma considerável melhoria na atividade econômica do país durante o último semestre de 1949. As cotações no mercado de valores refletem, portanto, essa situação prosseguindo, agora, a um ritmo de moderada ascendência se bem que, de vez em quando, se observem certas "correções" as quais parecem denotar uma tendência para o movimento "horizontal" o qual bem poderia conduzir quer a um declínio dos altos níveis presentes quer a uma nova arrancada que colocaria o mercado a um nível ainda mais alto. O índice geral dos produtos naturais básicos denota, similarmente, um curso horizontal com oscilações escassas e de âmbito bastante limitado.

Agora, porém, a atenção do país está concentrada na greve dos mineiros de carvão, a qual já forçou a intervenção do Govêrno Federal. Perante a possibilidade de que esta greve talvez vá durar bastante tempo, as indústrias mais afetadas, tais como a de aço, automóveis, estradas de ferro, etc. começaram reduzindo as suas operações. Aliás, várias emprêsas siderúrgicas já anunciaram uma redução em suas atividades ao passo que as companhias de estradas de ferro diminuiram em 505 os seus serviços de trem que usam locomotivas a carvão. Devido ao fato de que os estoques de carvão através do país são, por agora, relativamente satisfatórios, a situação ainda não foi declarada como sendo de emergência.

Há esperanças, porém, de que devido à intervenção do Govêrno Federal se consiga, agora, um acôrdo com os mineiros. Contudo, êsse acôrdo bem poderá levar algum tempo, de vez que há mais de 7 meses que os dirigentes da indústria de carvão e os mineiros estão em negociações sem que, até hoje, tenham conseguido encontrar uma solução aceitável para ambas partes.

MERCADO DE CAFÉ: No princípio da semana a "A&P" aumentou o preço por libra de seus cafés no varejo. Êsse aumento é de 3 c/ para as marcas "Red Circle" e "Bokar" e 4 c/ para a marca "Eight OClock". As outras companhias concorrentes não tardaram em seguir o exemplo da "A&P". As "cadeias" Safeway Stores, Bohack e Cristede Brothers já anunciaram aumentos similares. Além disso, tanto Cristede como Bohack já anunciaram aumentos de 2 c/ e 4 c/ respectivamente para as suas marcas de café em latas. Os outros aumentos dizem respeito ao café em sacos de papel.

Aparentemente, êstes últimos aumentos de preços no café torrado no varejo não tiveram efeito imediato sôbre o mercado do grão. A única cousa que se pode dizer a êste respeito, é que a redução do diferencial que existe hoje em dia entre os preços do café em sacos de papel e os preços do café em latas ou vidro, deverá favorecer a venda dêste último café cujos preços encontram-se, atualmente, muito acima dos primeiros em comparação com a situação que existia antes da alta de Outubro.

Há indícios de que está se esboçando o que poderia ser o início do interêsse dos torradores, se bem que até ao momento de escrevermos esta Carta não tenhamos qualquer informação concreta sôbre o possível aumento de suas compras de café crú. Seja porém como for, não resta dúvida de que êste renovado interêsse por parte dos torradores terá que materializar em uma expansão da procura, possìvelmente dentro dos próximos 15 dias.

No têrmo local, observou-se uma certa redução no volume de operações. Contudo, tal como sucedeu durante a semana anterior, as flutuações foram de âmbito limitado e as mudanças de preço foram insignificantes em comparação com as da semana passada. Quiça augurando um possível aumento na procura, notou-se certa expansão na posição aberta do Contrato "S", a qual subiu de 2775 lotes na sexta-feira passada para 2803 esta manhã. Por outro lado, o Contrato "D" não mostrou grande mudança. A posição aberta neste último Contrato era esta manhã 232 lotes contra 237 na semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os preços no mercado do grão mantiveram-se, durante a semana em revista, sem alterações dignas de nota. Os cafés brasileiros continuam sendo oferecidos a preços não inferiores a 47 c/ ou de 47 c/ para cima, para o tipo Santos 4 bem descrito, F. O. B. ao passo que os cafés colombianos para embarque, ex-doca Nova York, mantêm-se ao redor de 51,50 c/. Nos disponíveis, segundo se pode ver pelo quadro estatístico anexo, os preços continuam sendo determinados pelas revendas dos torradores. À vista da escassa procura, êste mercado está por assim dizer abaixo dos preços reais de substituição.

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS: No quadro estatístico N.º 1434 anexo a esta Carta, aparecem as importações de café nos Estados Unidos durante o ano civil de 1949 em comparação com as importações de 1948. Como se depreende do referido quadro estatístico, houve um aumento substancial

em 1949 de 1.136.301 sacas o qual elevou as importações neste país para a cifra "record" de 22.105.324 sacas. Os principais países que beneficiaram com aquele aumento, foram o Brasil (1.195.866 sacas); México (287.429) e o Salvador .... (211.480). Por outro lado, os seguintes países sofreram uma redução sensível relativamente as cifras de importação de café nos Estados Unidos: Colômbia .... (368.573 sacas); Venezuela (201.496); Costa Rica (119.204) e Nicarágua (118.849 sacas). No caso particular dêste último país, houve, como se sabe, uma redução considerável na safra do ano passado.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais — Destinos Principais — Europa	Outros	Total
BRASIL*	4-2-1950	138.000	60.000	22.000	220.000
	28-1-1950	165.000	99.000	43.000	307.000
	5-2-1949	175.000	124.000	7.000	306.000
COLÔMBIA**	4-2-1950	124.469	4.808	1.658	130.935
	28-1-1950	65.941	7.892	3.629	77.462
	5-2-1949	106.539	4.539	4.949	116.027
	Dados Mensais				
BRASIL*	Janeiro, 1950***	699.000	283.000	111.000	1.093.000
	Dezembro, 1949	874.000	511.000	54.000	1.439.000
	Janeiro, 1949	843.000	315.000	56.000	1.214.000
COLÔMBIA**	Janeiro, 1950***	422.863	13.172	15.768	451.803
	Dezembro, 1949	491.586	26.972	17.366	535.924
	Janeiro, 1949	411.233	6.905	23.153	441.291

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 4-2-1950	28-1-1950	5-2-1949
BRASIL*	Santos	2.218.000	2.225.000	2.241.000
	Rio	897.000	913.000	825.000
	Vitória	120.000	121.000	76.000
	Paranaguá	124.000	151.000	330.000
	Pernambuco	36.000	36.000	36.000
	Bahia	30.000	30.000	71.000
	Angra dos Reis	41.000	40.000	40.000
	TOTAL	**3.466.000**	**3.516.000**	**3.619.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	115.667	116.389	170.241
	Cartagena	44.049	51.796	7.905
	Buenaventura	124.323	129.671	104.181
	Cucuta	36.863	35.932	44.511
	Total	**320.902**	**333.788**	**326.838**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK:

	Países de origem (Sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
4-2-1950	200.943	169.173	101.359	471.475
28-1-1950	196.791	156.919	84.860	438.570
5-2-1949	214.085	163.425	98.005	475.515

Escritório Pan-Americano do Café **Quadro Estatístico — N.º 1434**

IMPORTAÇÃO TOTAL DE CAFÉ PARA CONSUMO PELOS EE.UU.

Janeiro-Dezembro 1949 em comparação com o mesmo período do ano de 1948

(Sacas de 60 quilos ou 132,276 libras)

Escritório Pan-Americano do Café
Hemisfério Ocidental

			% do total importado		Aumento ou Diminuição Sôbre Jan.-Dez. 948	
Países de Origem	**1-1 a 31-3-49**	**1-1 a 31-12-48**	**Jan.-Dez. 49**	**Jan.-Dez. 48**	**Quant.**	**%**
Brasil	12,763,683	11,567,817	57.7	55.2	+1,195,866	+ 10.3
Colômbia	4,949,025	5,317,598	22.4	25.4	— 368,573	— 6.9
Costa Rica	201,072	320,276	0.9	1.5	— 119,204	— 37.2
Cuba	—	4,493	—	—	— 4,493	—100.0
Rep. Dominicana	222,055	173,677	1.0	0.8	+ 48,378	+ 27.9
Salvador	1,087,984	876,504	4.9	4.2	+ 211,480	+ 24.1
Guatemala	824,978	756,888	3.7	3.6	+ 68,090	+ 9.0
Honduras	85,071	47,337	0.4	0.2	+ 37,734	+ 79.7
México	765,269	477,840	3.5	2.3	+ 287,429	+ 60.2
Venezuela	351,370	552,866	1.6	2.6	— 201,496	— 36.4
Total P.A.C.B.	**21,250,507**	**20,095,296**	**96.1**	**95.8**	**+1,155,211**	**+ 5.7**
Outros Países Produtores Americanos						
Equador	79,528	126,806	0.4	0.6	— 47,278	— 37.3
Haiti	178,515	105,895	0.8	0.5	+ 72,620	+ 68.6
Nicaragua	102,028	220,877	0.5	1.1	— 118,849	— 53.8
Peru	22,293	6,562	0.1	—	+ 15,731	+239.7
Total O.A.P.C.	**382,364**	**460,140**	**1.8**	**2.2**	**— 77,776**	**— 16.9**
Outros Países do Hemisfério Ocidental						
Argentina	10,774	2,385	0.1	—	+ 8,389	+351.7
Índias Ocd. Inglesas	1,134	950	—	—	+ 184	+ 19.4
Canadá	727	254	—	—	+ 473	+186.2
Chile	—	1,869	—	—	— 1,869	—100.0

Índias Ocid. Holandesas	7	—	—	—	+ 7	+ ...
Panamá	2,105	11,615	—	0.1	— 9,510	— 81.9
Paraguai	—	732	—	—	— 732	—100.0
Total O.W.H.	**14,747**	**17,805**	**0.1**	**0.1**	**— 3,058**	**— 17.2**
Total Hemisferio Ocd.	**21,647,618**	**20,573,241**	**98.0**	**98.1**	**+1,074,377**	**+ 5.2**
AFRICA						
Congo Belga	118,590	98,943	0.5	0.5	+ 19,647	+ 19.9
África Orien. Inglesa ..	22,285	24,744	0.1	0.1	— 2,459	— 9.9
África Ocid. Inglesa ..	175	51	—	—	+ 124	+243.1
Etiópia	70,473	42,827	0.3	0.2	+ 27,646	+ 64.6
Libéria	96	833	—	—	— 737	— 88.5
África Portuguesa	216,643*	197,226	1.0	1.0	+ 19,417	+ 9.8
União Sul Africana ...	417	208	—	—	+ 209	+100.5
Total Africa	**428,679**	**364,832**	**1.9**	**1.8**	**+ 63,847**	**+ 17.5**
ÁSIA E OCEANIA						
Arabia	19,448	27,159	0.1	0.1	— 7,711	— 28.4
Ásia Britânica	51	2,499	—	—	— 2,448	— 98.0
Ásia Franceza	26	—	—	—	+ 26	+ ...
Índia	—	25	—	—	— 25	—100.0
Indonésia	1,159	1,112	—	—	+ 47	+ 4.2
Iran	—	155	—	—	— 155	—100.0
Total Ásia e Oceania	**20,684**	**30,950**	**0.1**	**0.1**	**— 10,266**	**— 33 2**
Diversos(*)	**8,343**	**—**	**—**	**—**	**+ 8,343**	**+ ...**
Total da Importação	**22,105,324**	**20,969,023**	**100.0**	**100.0**	**+1,136,301**	**5.4**
IMPORTAÇÃO DAS PRINCIPAIS ORIGENS						
Brasil	12,763,683	11,567,817	57.7	55.2	+1,195,866	+ 10.3
Colômbia	4,949,025	5,317,598	22.4	25.4	— 368,573	— 6.9
Todos os outros do Hemisfério Ocidental ..	3,934,910	3,687,826	17.9	17.5	+ 247,084	+ 6.7
Todas as outras origens	457,706	395,782	2.0	1.9	+ 61,924	+ 15.6
Total da importação ..	**22,105,324**	**20,969,023**	**100.0**	**100.0**	**+ 1,136,301**	**+ 5.4**

(*) Café crú equivalente a 927,142 libras de café torrado importadas, da Grã Bretanha mais 220 da Noruega.

(**) Total correto: tirar 1.249 sacas da África Portuguesa, importação de julho.

Números obtidos do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

Escritório Pan-Americano de Café — **Quadro Estatístico N.º 1436**

COTAÇÕES DE CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK

(Preços nos EE.UU. cents por libra peso)

CONTRATO "S" SANTOS	Fech. 2-2-50	Máx.	Mín.	Fech. 2-9-50	Var.	Vendas
Março	48.85	49.40	48.65	48.95	+0.10	54
Maio	46.85	47.30	46.05	46.84	—0.01	131
Julho	45.60	46.00	44.90	45.63	+0.03	120
Setembro	44.35	44.85	43.68	44.40	+0.05	103
Dezembro	43.30	43.78	42.63	43.37	+0.07	94
CONTRATO "D" SANTOS						
Março	46.99	46.75	46.48	46.70	—0.29	9
Maio	45.30	45.15	44.98	45.15	—0.15	2
Julho	43.89	44.20	43.90	43.95	+0.06	3
Setembro	42.89	43.00	42.08	42.75	—0.14	6
Dezembro	41.77	42.05	41.90	41.75	—0.02	3

VENDAS

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato "D"	Total
2-9-50	502	23	525
2-2-50	846	31	877

(*) Em lotes de 250 sacas.

PREÇOS DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK, NAS SEMANAS TERMINADAS EM 9 DE FEVEREIRO DE 1950

	Semanas terminadas em: 2-9-50	2-2-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2	52.00	51.00	+1.00
Santos tipo 4	48.50	48.00	+0.50
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7	35.00	36.00	—1.00
Vitória 7/8	33.50	34.00	—0.50
COLÔMBIA			
Medellin	51.25	51.25	——
Armenia	51.25	51.25	——
Manizales	51.25	51.00	—0.25
Girardot	51.00	50.75	—0.25

	Semanas terminadas em: 2-9-50	2-2-50	Var.
GUATEMALA			
Lavado bom	50.00	50.25	—0.25
Bourbon	48.75	49.00	—0.25
HAITI			
Lavado	48.00	48.00	——
Natural	44.50	45.00	—0.50
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec	50.50	51.00	—0.50
Tapachula	49.00	49.50	—0.50

COSTA RICA

Tipo fino	52.00	52.00	——
Lav. tipo baix.	47.00	47.50	—0.50

REP. DOMINICANA

Lavado	48.00	48.00	——
Natural	40.00	40.00	——

EQUADOR

Natural	40.50	41.00	—0.50

EL SALVADOR

Lav tipo fino	52.00	52.00	——
Natural	44.00	44.00	——

NICARAGUA

Lavado	48.50	48.00	+0.50

VENEZUELA

Tachira Lav.	51.50	52.00	—0.50
Tachira nat.	44.00	44.00	——
Trujillo	41.00	41.00	——

ROBUSTA

Lavado	(*)	(*)	
Natural	37.00	37.00	——

PORT. W. AFRICA

Amboin	40.50	41.00	—0.50
MOCHA	54.00	55.00	—1.00

(*) Não cotado.

N.º 318 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 10 de Fevereiro de 1950

PAÍSES PRODUTORES

BRASIL: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 6 do corrente, transcrevemos o seguinte: "O decreto lei n.º 1003, de 24 de Dezembro de 1949, autoriza o Govêrno Federal a contrair obrigações com o Banco do Brasil para que êste, por sua vez, conceda empréstimos aos cafeicultores cujas plantações sofreram prejuízos devido a recente seca. O Govêrno Federal assume a responsabilidade de tais empréstimos".

Uma Visita às Plantações Brasileiras de Café: O Sr. E. B. Ackerman, presidente da firma local Otis McAllister Corporation, e uma das figuras de maior destaque nos círculos cafeeiros dos Estados Unidos, publicou, na recente edição da revista "Coffee And Tea", um interessante artigo sôbre a sua última viagem ao Brasil. São dêsse artigo os trechos a seguir reproduzidos:

"Nas regiões desertas da Califórnia e Arizona há certas variedades de cactos que produzem flores, de brilhantes côres, durante alguns dias de cada primavera. Estas flores brotam de ramos sem folhas.

Durante a última primavera brasileira, os cafèzais apresentavam um aspeto muito parecido aquele. A seca que se prolongou desde Maio deixou as árvores sem a fôrça necessária para produzir a folhagem. Vistas de um avião voando a pouca altura, as árvores de plantações cobrindo milhares de milhas quadradas, pareciam varas secas saindo da terra vermelha. Durante esta viagem voamos sôbre quase todas as regiões do Estado de São Paulo. Passamos por Sorocabana, cujos cafés são os de pior qualidade que o Estado produz, depois atravessámos as colinas verdejantes do Paraná, que nos fizeram lembrar os laranjais dos vales

da Califórnia. Ao voarmos sôbre esta vejetação luxuriante, perguntei aos brasileiros que me acompanhavam qual o motivo de sua preocupação acêrca das chuvas. Eles me responderam dizendo que era aquela a única região onde as chuvas haviam caído no momento exato em que eram necessárias. Com efeito, pouco tempo depois, quando o avião tomou um rumo mais para o noroeste, o panorama mudou por completo. Havia manchas verdes mas de um verde sem vida e isoladas.

Em Marilia, por exemplo, encontrámos árvores com poucas fôlhas em todas as fazendas que visitamos. Porem, a safra nessa região é boa de uma maneira geral. As árvores são mais novas do que aquelas das regiões mais para o norte do Estado e o seu rendimento é, também, maior. O nosso anfitrião disse-nos que a sua safra (1949-50) seria um pouco superior a metade de uma colheita normal e de que apesar do mau aspecto dos arbustos, ele estimava que as perspectivas para a próxima safra (1950-51) não seriam diferentes das perspectivas para a safra corrente.

De Marilia seguimos, com rumo para noreste, até Lins, que é o centro de uma região muito fértil, de grande capacidade de produção, mas antes de havermos chegado alí, deixaramos para trás as zonas de árvores com folhagem. Durante o resto de nosso percurso apenas vimos troncos aparentemente secos os quais, a alturas maiores, davam a impressão de manchas cinzentas incrustadas de pontos vermelhos que era a terra. Os lavradores destas regiões calculavam a safra 1950-51 em pouco menos da metade de uma colheita normal como a de 1949-50, excepto no caso de chover abundantemente nos próximos quinze dias. Mas não choveu, ou não cairam chuvas em quantidade suficiente para fortalecer as árvores, até os fins de Novembro.

Por essa data a maioria das flôres havia caído sem que tivesse produzido fruto, não sendo de esperar nem sequer 50% do rendimento normal. De Lins voamos a Araraquara onde permanecemos na fazenda de outro paulista hospitaleiro. Durante a conversa do jantar, fêz-se a alusão ao custo da produção, um problema nebuloso de difícil esclarecimento. O nosso anfitrião, com a maior amabilidade, prontificou-se a mostrar-nos os seus livros de contas. Como nesta fazenda também se cultiva a cana de açúcar e há milhares de cabeças de gado, existe um sistema de contabilidade organizado, ficando nós com a impressão de que as cifras que nos iam mostrar, podiam ser aceitas como exatas. Além disso, à vista da diversidade dos produtos alí cultivados, o custo correspondente ao café tinha que ser inferior ao das outras fazendas exclusivamente dedicadas à cafeicultura. Para maior eficiência dos trabalhos, a cultura da cana de açúcar junto com a do café constitue um sistema ideal. A colheita do café termina quando começa a do açúcar, de maneira que uma tal combinação proporciona trabalho ao pessoal durante todo o ano. Segundo averiguámos, o café da safra 1949-50 custou uma média de 480 cruzeiros por saca de 60 quilos, colocado nas estações de estrada de ferro, o que equivale a 28 c/ por libra F.O.B. Santos. O café da safra 1948-49 custou uma média de 410 cruzeiros por saca, ou seja, 25 c/ F.O.B. Santos. Explicaram-nos que o aumento no custo de produção da safra atual foi devido a salários mais altos e a despesas fixas, independentemente do volume da safra, de forma que relativamente a êstes fatores se a safra diminue o custo aumenta...

Depois de êstes cálculos sôbre o custo de produção, ouvimos o rádio de Londres, Paris, Buenos Aires e Nova York... Notámos que os aparelhos de rádio eram de marca holandesa e nosso anfitrião explicou-nos que, embora preferisse

aparelhos americanos, não lhe era possível conseguir êstes últimos devido as restrições cambiais. A velha história da falta de dólares. O mesmo sucede com os automóveis os quais, não obstante a preferência pelos carros americanos, vêm da Europa devido à impossibilidade de importar produtos americanos em virtude da falta de dólares.

Todos os brasileiros com quem falei esperam que os preços melhores para o café lhes permitam equilibrar a sua balança de pagamentos de forma a permitir a entrada livre de produtos industriais americanos. É possível que alguns consumidores americanos se queixem dos poucos centavos adicionais que estão pagando pelo café. Mas é necessário ser-se míope para não ver que esse dinheiro voltará, eventualmente, aos Estados Unidos sob a forma de importações de artigos manufaturados americanos que não só os brasileiros necessitam como também os demais países dêste hemisfério.

Aterriçamos ao meio dia em Ribeirão Preto, centro da zona de genuino café Bourbon. A dez quilômetros desta cidade visitamos uma fazenda moderna onde nos mostraram terras enormes semeadas de algodão, milho e outros cereais exatamente onde outrora havia grandes plantações de café. Segundo averiguámos, pelo menos metade das terras outrora dedicadas à cultura de café são agora usadas para outras culturas. Os lavradores da região explicaram-nos que os preços vis para o café durante a década de 1930 desanimou-os por completo e por isso decidiram abandonar as plantações. Em muitos casos as árvores de café velhas não foram substituídas com novos arbustos e noutros casos os cafeeiros foram arrancados pela raíz para dar lugar a outras culturas mais lucrativas.

É necessário esperar até Março para se poder obter o cálculo oficial sôbre a safra de 1950-51 no Estado de São Paulo. Porém, não deixam de haver já inúmeros cálculos de origem particular. A nossa opinião pessoal, baseada em conversas com lavradores de grande experiência, é que a próxima safra não vai muito diferente, em volume, da safra atual. Não poderá, de forma alguma, ser uma safra abundante, mas existe a esperança de que esta nova safra, de volume reduzido como a anterior, dará um produto de boa qualidade, cousa que não é possível dizer acêrca desta colheita de 1949-50..."

Colômbia: Segundo lemos na imprensa de Nova York, o Consul colombiano nesta cidade, acaba de declarar na Associação de Comércio e Indústria, que o seu país vai importar dos Estados Unidos, durante 1950, mercadorias no valor de $340.000.000 ou seja, uns cem milhões de dólares mais do que importou em 1949. Este aumento, segundo declarou o Consul colombiano, deve-se aos melhores preços do café, ao contrôle exercido sôbre o câmbio em dólares e à política do pais no sentido de equilibrar a sua balança de pagamentos. O Consul realçou o fato de que os dólares adicionais recebidos pela Colômbia devido aos preços mais altos para o café, seriam gastos exclusivamente nos Estados Unidos.

N.º 661 **17 de Fevereiro de 1950**

SITUAÇÃO GERAL: De acôrdo com os dados preliminares que acaba de publicar o Departamento de Comércio dos Estados Unidos, o total da renda nacional em 1949 atingiu a cifra de 210.000.000.000 de dólares, ou sejam apenas ..... 2.000.000.000 de dólares menos do que a renda total em 1948. A cifra acima revela, pois, o alto nível de prosperidade do país, sobretudo quando se considera o fato de que o ano 1949 foi assinalado por grandes reajustamentos na indústria e

comércio levados a efeito num período de transição econômica o qual presenciou, também, extensas greves operárias em setores importantes do país tais como as indústrias de carvão, aço, automóveis, etc. À vista de que tais acontecimentos não poderiam deixar de afetar, desfavoràvelmente, o total da renda nacional e como esta se aproxima bastante da cifra "record" de 1948, deduz-se, lògicamente, que a reatividade industrial iniciada em meados do ano passado deveria ter sido de enorme amplitude.

Quanto ao panorama econômico atual, deve-se dizer que continua obscurecido pela greve na indústria de carvão a qual, se não fôr solucionada em breve, forçará uma redução na atividade de muitas indústrias com as consequências naturais de maior desemprêgo. Os jornais desta manhã, porém, indicam, optimìsticamente, que talvez seja possível uma solução imediata para a greve.

Causou muito interêsse e até mesmo surprêsa o tom firme dos produtos naturais básicos durante os últimos dias. E' possível que a surprêsa seja devida ao fato de que tanto em 1948 como em 1949 teve lugar, nesta época do ano, uma sensível baixa nas cotações dêsses mercados, e de que toda a gente esperava, agora, idêntico fenômeno. A firmeza dos preços dêstes produtos básicos, é considerada como um reflexo da ampla procura por parte dos fabricantes os quais dispõem, por sua vez, de grande quantidade de ordens para os artigos que manufaturam.

Consequentemente, poder-se-ia dizer que as perspectivas econômicas continuam bastante alviçareiras, pelo menos durante o primeiro semestre do ano em curso. Como é evidente, a única nuvem negra no horizonte é a greve dos mineiros, a qual se não fôr solucionada a tempo bem poderia alterar a presente situação.

MERCADO DE CAFÉ: A situação neste mercado continua sem alteração. Isto é, a inatividade já descrita nas semanas anteriores continua predominando nesta praça e os preços revelam, outra vez, certa debilidade em consequência da falta de procura, a qual é mais pronunciada por parte dos torradores de marcas de café em latas. Ao contrário, a procura no varejo pelas marcas de café empacotado em sacos de papel continua boa.

À vista de que as importações em Janeiro de 1950 deveriam ter ultrapassado a cifra de 2 milhões de sacas, ao passo que os torradores, segundo se calcula, talvez não tenham usado mais de 1.600.000 sacas, depreende-se que os estoques tenham aumentado neste país. Se assim fôr, tal aumento nos estoques constituirá outro fator que devia ter contribuído para a presente debilidade das cotações.

No têrmo local o volume de operações, durante a semana em apreço, manteve-se mais ou menos aos mesmos níveis da semana anterior, devendo-se observar que na segunda-feira foi dia feriado. Em contraste com a semana anterior, a posição aberta registrou uma diminuição sensível, indicando, assim, que as liquidações de contratos foram em número muito mais alto do que as novas vendas. No Contrato "S" o número total de lotes pendentes de entrega era esta manhã de 2686 em comparação com 2803 na semana passada. No Contrato "D" a posição aberta era respectivamente de 226 e 232 lotes.

Os preços no têrmo, que haviam mostrado sensível estabilidade, começaram a declinar, suavemente, na quinta-feira. Esta debilidade, que continuou presente esta manhã, não pode ser atribuída a nenhum acontecimento novo mas sim à contínua inatividade do mercado do grão.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Como se disse mais acima, os níveis dos preços no mercado físico do produto têm mostrado, ùltimamente, certa debilidade. No que

respeita ao Brasil, o tipo Santos 4, diz-se que foi vendido de 46,25 para cima, em comparação com o preço de 46,50 a 47 /c que tinha na semana passada.

Relativamente aos cafés colombianos, os preços andavam, ontem, ao redor de 51 /c. Como já tivemos ocasião de informar em edições anteriores desta CARTA SEMANAL DO MERCADO, o café nesta praça está sendo afetado pelas operações de revenda por parte dos torradores locais, os quais têm vendido o produto a preços inferiores ao seu custo real.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	11-2-1950............	148.000	58.000	7.000	213.000
	4-2-1950.............	138.000	60.000	22.000	220.000
	12-2-1949............	279.000	76.000	7.000	362.000
COLÔMBIA**	11-2-1950............	91.392	——	3.442	94.834
	4-2-1950.............	124.469	4.808	1.658	130.935
	12-2-1949............	57.575	7.453	3.551	68.579

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Portos	Semanas findas em: 11-2-1959	4-2-1950	12-2-1949
BRASIL*	Santos	2.231.000	2.218.000	2.090.000
	Rio	891.000	897.000	804.000
	Vitória	114.000	120.000	72.000
	Paranaguá	141.000	124.000	305.000
	Pernambuco	38.000	36.000	35.000
	Bahia	30.000	30.000	69.000
	Angra dos Reis	40.000	41.000	33.000
	Total	**3.485.000**	**3.466.000**	**3.408.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	139.642	115.667	171.940
	Cartagena	54.257	44.049	22.508
	Buenaventura	123.547	124.323	145.738
	Cucuta	36.500	36.863	43.288
	Total	**352.946**	**320.902**	**383.474**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*:

Semana de:	Países de origem (sacas de pesos diferentes) Brasil	Colômbia	Outros	Total
11-2-1950	209.208	173.185	109.695	492.087
4-2-1950	200.943	169.173	101.359	471.475
12-2-1949	209.162	169.734	100.764	479.660

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO*:

Safra	Janeiro, 1950	Dezembro, 1949	Janeiro, 1949
1946-47			
1947-48			
1948-49		216.000	5.899.000
1949-50	5.457.000	5.657.000	
Total	**5.457.000**	**5.873.000**	**5.899.000**

Despachos por estrada de ferro durante 1.º de Junho de 1949 a 20/1/1950 para:

Santos	6.820.000
Rio	358.000
Andra dos Reis	53.000
Outros (*)	998.000
	8.229.000

(*) Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
(**) Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
(***) Dos Estados de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Escritório Pan-Americano do Café **Quadro Estatístico — N.º 1441**

COTAÇÃO DO MERCADO DO CAFÉ EM NOVA YORK

(Preços nos UU.EE.. cents. por libra peso)

CONTRATO "S" SANTOS	**Fech. 2-9-50**	**Máxi.**	**Mín.**	**Fech. 16-2-50**	**Var.**	**Vend.**
Março	48.95	49.09	48.20	48.23	—0.72	124
Maio	46.84	47.10	46.25	46.28	—0.56	152
Julho	45.63	45.85	45.00	45.02	—0.61	120
Setembro	44.40	44.60	43.75	43.75	—0.65	103
Dezembro	43.37	43.55	42.70	42.75	—0.62	52
CONTRATO "D" SANTOS						
Março	46.70	46.80	46.20	46.15	—0.55	8
Maio	45.15	45.25	44.85	44.52	—0.63	3
Julho	43.95	44.00	44.00	43.30	—0.65	1
Setembro	42.75	—	—	42.18	—0.57	—
Dezembro	41.75	41.75	41.75	41.18	—0.57	1

VENDAS*

Semanas terminadas em:	Contrato "S"	Contrato "D"	Total
16-2-50	551	13	564
2- 9-50	502	23	525

PREÇO DO CAFÉ NO MERCADO DE NOVA YORK, NAS SEMANAS TERMINADAS EM 16 DE FEVEREIRO DE 1950

	Semanas terminadas em:		
	16-2-50	2-9-50	Var.
BRASIL			
Santos tipo 2	51.75	45.00	—0.25
Santos tipo 4	48.50	48.50	—
Minas Gerais	(*)	(*)	
Bahia	(*)	(*)	
Rio tipo 7 ..	35.50	35.00	+0.50
Vitória 7/8 .	33.50	33.50	—
COLÔMBIA			
Medellin ...	51.00	51.25	—0.25
Armenia ...	50.88	51.25	—0.37
Manizales ..	50.75	51.25	—0.50
Girardot ...	50.50	51.00	—0.50
COSTA RICA			
Tipo fino ...	51.50	52.00	—0.50
Lav. tipo fino	47.00	47.00	—
REP. DOMINICANA			
Lavado	47.00	48.00	—1.00
Natural	40.00	40.00	—
EQUADOR			
Natural	40.50	40.50	—
SALVADOR			
Lav. tipo fino	51.25	52.00	—0.75
Natural	44.00	44.00	—

	Semanas terminadas em:		
	16-2-50	2-9-50	Var.
GUATEMALA			
Lav. bom .	49.50	50.00	—0.50
Bourbon ...	48.50	48.75	—0.25
HAITI			
Lavado	47.00	48.00	—1.00
Natural ...	44.50	44.50	—
MÉXICO (Lavado)			
Coatepec ...	51.00	50.50	+0.50
Tapachula .	48.50	49.00	—0.50
NICARAGUA			
Lavado	48.00	48.50	—0.50
VENEZUELA			
Tachira lav.	51.00	51.50	—0.50
Tachira nat.	44.00	44.00	—
Trujillo	41.00	41.00	—
ROBUSTA			
Lavado	(*)	(*)	
Natural	37.00	37.00	—
PORT. W. AFRICA			
Amboin	41.00	40.50	+0.50
MOCHA ...	52.50	54.00	—1.50

(*) Não cotado.

N.º 319 — O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA — 17 de Fevereiro de 1950

PAÍSES PRODUTORES

Haití: Da revista "Foreign Crops & Markets", de 6 do corrente, reproduzimos o seguinte sôbre a situação da safra naquele país: "Segundo notícias recebidas, ùltimamente, da Embaixada dos Estados Unidos em Puerto Principe, o Escritório Nacional do Café de Haití calcula a produção exportável em 430.000 sacas. A safra exportável de 1948-49 foi de 485.000 sacas. Os cálculos anteriores do

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos haviam colocado a produção exportável para o corrente ano de safra em 480.000 sacas. A maior parte da safra 1949-50 foi já recolhida. A 31 de Dezembro último, cêrca de 290.000 sacas da nova safra haviam sido registradas para exportação, declinou de 20%, que era em Dezembro de 1948, para 6% em Dezembro de 1949. Êste declínio é atribuído, principalmente, aos altos preços que se obtém, agora, para os cafés não lavados.

A alta súbita dos preços, que teve lugar em Outubro e Novembro, surpreendeu muitos comerciantes haitianos. Os grandes exportadores fazem, em geral, os seus contratos no verão para entrega futura, baseando-se nas perspectivas que possa haver de comprarem o café aos lavradores e especuladores no outono e inverno. Muitos exportadores não puderam comprar, desta vez, aos preços que tinham pensado e sofreram, por isso, grandes perdas. Apesar de tais perdas, ùnicamente uns quantos exportaores ameaçaram não cumprir com os seus contratos. Tanto o comércio como o Escritório Nacional o Café exerceram toda a sua influência no sentido de que os comerciantes cumprissem os contratos assinados antes da subida dos preços. Até hoje todas as entregas prometidas têm sido cumpridas e crê-se aliás que todos os contratos serão, igualmente, respeitados."

República Dominicana: O boletim de George Gordon Paton & Co., de 7 do corrente, informa o seguinte: "Os exportadores de café neste país embarcaram todo o café cru que tinham para evitar o pagamento dos impostos maiores de exportação, que entreram em vigor a 1.º de Janeiro do ano corrente. A Comissão de Defesa do Café e do Cacau informou que naquela data cêrca de 60% da safra exportável (1949-50) de 210.000 sacas já tinha sido embarcada. O resto da safra encontra-se nas regiões montanhosas onde o café demorou um pouco mais a amadurecer."

Nicarágua: Segundo informações da Embaixada dos Estados Unidos em Manágua, as exportações de café cru daquele país baixaram para cêrca de 113.000 sacas em 1949, isto é, menos de metade das exportações de 1948, as quais foram no total de 241.000 sacas. A média da produção exportável no período 1935-39 era de 271.000 sacas por ano. Os preços de exportação para os cafés de Nicarágua flutuaram bastante durante o ano. No primeiro trimestre de 1949, o preço era em média de 27,6 /c por libra, F.O.B. Corinte. No segundo trimestre os preços declinaram para uma média de 23,7 /c mas subiram, outra vez, para uma média de 27,6 /c durante o terceiro trimestre. Desde então os preços subiram, gradualmente, para 31,6 /c em meados de Outubro, e depois atingiram o nível de 49,3 /c durante a terceira semana de Novembro. No fim do ano, os preços estacionavam a 48,3 /c por libra.

CAFÉS COLONIAIS

Kenya: Da revista do "Coffee Board of Kenya" reproduzioms o seguinte: "Aquilo que mais temíamos passou, quer dizer, não choveu. E' possível que em

Dezembro chova um pouco, como sucedeu no ano passado, mas mesmo que isso aconteça, muitas plantações já terão sofrido grandes prejuizos e produzirão pouco em 1950. O parasita local ("Leaf Miner") atacou, especialmente, as árvores que mais sofreram com a sêca."

Índia: A revista francesa "Marchés Coloniaux", edição de Dezembro de 1949, publicou o seguinte comentário sôbre as exportações de café da Índia: "Êste país vae exportar entre 50.000 e 70.000 sacas de café crú durante 1950. Antes da guerra a Índia exportava cêrca de 300.000 países do Extremo Oriente. Desde a última guerra, a produção exportável da Índia, aliás muito reduzida, é embarcada para a Austraália, Nova Zelândia, Estados Unidos e Canadá. Calcula-se em 80.000 hectares a superfície dedicada à cultura de café na Índia."

EUROPA

Importações de Café na Inglaterra: A escassez de dólares, juntamente com o problema dos preços mais altos para o café, afetaram, desfavoràvelmente, as importações do produto naquele país. Durante o ano civil de 1949 as importações foram no total de 744.880 sacas, ou seja um declínio de 16% do total de ...... 886.726 sacas importadas durante 1948. O boletim de George Gordon Paton & Co., de onde reproduzimos esta informação, acrescenta a propósito que embora as importações provenientes do Brasil tivessem aumentado durante o ano passado, nota-se, contudo, que a África Oriental contribuiu apenas com 334.398 sacas em comparação com 416.136 em 1948, ou seja um declínio de 20%. A seguir apresentamos um quadro comparativo dessas importações distribuídas por países de origem:

País de origem	Dezembro 1949	1949	1948	1947
Brasil	——	271.555	203.863	281.704
Tanganyka	18.403	145.014	133.525	38.429
Uganda	693	106.797	179.957	95.238
Congo Belga	11.983	94.522	167.803	128.538
Kenia	5.327	82.587	102.654	108.075
Kenya	10	19.863	19.699	23.527
Índia	——	8.463	2	26.303
Aden	2.202	7.286	9.848	9.060
Somália francesa	——	3.386	——	——
Serra Leoa	——	2.318	3.409	3.834
Colômbia	——	2.023	1.265	8.140
Costa de Ouro	——	645	10.606	12.405
Venezuela	——	337	207	245

Irlanda	—	49	—	—
Yemen	—	25	—	—
Saudi Arábia	—	5	—	—
Guatemala	—	5	—	—
África Ocidental Portuguesa	—	—	53.740	—
Outros	—	—	(a) 148	(b)15.230
Total	**38.618**	**744.880**	**886.726**	**750.728**

Suécia: De Janeiro a Novembro de 1949, êste país importou 517.188 sacas de café cru, das quais 50.981 foram importadas durante o mês de Novembro daquele ano. Isto representa uns 2% menos do que foi importado durante o mesmo período de 1948. Oferecemos a seguir um quadro comparativo destas importações distribuídas por países de origem:

País de Origem	**Janeiro-Novembro de 1949**
Brasil	443.436
Colômbia	34.660
Índias Ocidentais	7.022
África Oriental Inglesa	4.820
Etiópia	4.725
Congo Belga	4.434
Outras regiões de África	5.900
Guatemala	4.317
Venezuela	2.044
O Salvador	1.266
Outros países de América	3.216
Vários: África, Ásia, Austrália	1.348
TOTAL	**517.188**

(a) Inclue 105 sacas da Indonésia e 42 sacas da Suécia.

(b) Inclue 7.632 sacas de Trinidad e Tobago; 3.404 sacas de Costa Rica; 1.840 do México; 1.666 de Etiópia; 673 de Indonésia e 15 de outras regiões.

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVI | São Paulo, 3 de Março de 1950 | N.º 290

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS - SAFRA 1949/50
DADOS COLIGIDOS PELA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

Estradas de Ferro	Junho/Jan.	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	Totais
Santos a Jundiaí	123 221	181	401	123 803
Sorocabana	1 202 125	7 708	6 458	1 216 291
Paulista	2 347 228	1 987	1 242	2 350 457
Mogiana	577 271	2 125	(*)3 001	582 397
Araraquara	1 091 266	6 343	(*)	1 097 609
N. Brasil	1 496 229	1 247	(*)	1 497 476
C. Brasil	455	—	(*)	455
Estradas de Rodagem	9 745	295	486	10 526
Total	**6 847 540**	**19 886**	**11 588**	**6 879 014**

NOTAS: Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributarias. (*) Não foram recebidos os dados da 2.ª dezena de fevereiro das EE. FF. Araraquara, Noroeste do Brasil, Central do Brasil e São Paulo e Minas.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis	Totais
	Ferroviário	Rodoviário		
junho/jan. 50	355 518	8 618	52 897	417 033
1.ª dez. fev. 50	302	—	—	302
2.ª dez. fev. 50	—	—	—	—
Total	**355 820**	**8 618**	**52 897**	**417 335**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Junho/Jan.	1.ª dezena Fevereiro	2.ª dezena Fevereiro	Totais
Paraná	475 857	—	—	475 857
Minas Gerais	488 350	942	(*)	489 292
Mato Grosso	14 723	—	(*)	14 723
Goiás	26 379	833	(*)	27 212
Total	**1 005 309**	**1 775**	**—**	**1 007 084**

(*) Não foram recebidos os dados da 2.ª dezena de fevereiro de 1950.

MOVIMENTO DO CAFÉ PAULISTA DA SAFRA 1948/49 DESTINADO A SANTOS LIBERADO ATÉ JANEIRO DE 1950

Estradas de Ferro	Despachado	Liberado	Destinados Alterados
Santos a Judiaí	448 731	448 281	450
Sorocabana	1 925 712	1 918 201	7 511
Paulista	3 536 551	3 522 956	13 595
Mogiana	961 550	949 000	12 550
Araraquara	1 854 980	1 835 501	19 479
N. Brasil	1 764 128	1 764 128	—
C. Brasil	—	—	—
Total	**10 491 652**	**10 438 067**	**53 585**

SAFRA 1949/50 — ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1950

Paulista	Despachado	Liberado	Anulados D. Alterados	A Liberar
Mês de Junho 49	1 201 981	1 201 681	300	—
2.ª dez. Julho 49	609 903	607 918	1 985	—
3.ª " " "	761 660	664 752	4 549	92 359
1.ª " agôsto "	653 612	—	2 507	651 105
2.ª " " "	622 347	—	4 950	617 397
3.ª " " "	640 039	—	4 755	635 284
1.ª " setembro "	401 262	—	4 156	397 106
2.ª " " "	391 899	—	3 432	388 467
3.ª " " "	391 235	—	1 500	389 735
1.ª " outubro "	217 628	—	760	216 868
2.ª " " "	217 253	—	3 616	213 637
3.ª " " "	198 127	—	3 615	194 512
1.ª " novembro "	107 557	—	—	107 557
2.ª " " "	95 246	—	615	94 631
3.ª " " "	93 302	—	—	93 302
1.ª " dezembro "	51 736	—	—	51 736
2.ª " " "	42 400	—	—	42 400
3.ª " " "	48 691	—	—	48 691
1.ª " janeiro 50	24 869	—	—	24 869
2.ª " " "	32 107	—	—	32 107
3.ª " " "	25 976	—	—	25 976
1.ª " fevereiro "	19 591	—	—	19 591
2.ª " " "	11 102	—	—	11 102
Total	**6 859 523**	**2 474 351**	**36 740**	**4 348 432**
Despolpado	8 965	8 965	—	—
Rodoviário	10 526	3 634	388	6 504
Total Geral	**6 879 014**	**2 486 950**	**37 128**	**4 354 936**
Outros Estados (até 2.ª dez. fev.)				
Paranaense	475 857	104 523	—	371 334
Mineiro	489 292	155 157	—	334 135
Matogrossense	14 723	8 455	—	6 268
Goiano	27 212	17 698	—	9 514
Total	**1 007 084**	**285 833**	**—**	**721 251**

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

FEVEREIRO DE 1950

DIAS	ENTRADAS					EMBARQUES						
	S. Paulo	Minas Gerais	Rio Janeiro	Espirito Santo	Total	Exterior	Cabotagem	Total	Revertido ao mercado	Retirado do mercado	Consumo Local	Existencia
1	—	5 548	—	250	5 798	—	—	—	1 300	—	1 050	907 201
2	575	2 235	250	3 390	6 450	15 590	—	15 590	—	—	1 050	897 011
3	—	2 594	1 250	2 893	6 737	1 043	250	1 293	—	—	1 050	991 405
4	—	—	—	—	—	16 705	—	16 705	1 500	—	1 050	885 150
6	—	5 361	875	1 002	7 238	8 075	—	8 075	—	—	1 050	883 263
7	242	4 440	400	1 760	6 842	—	—	—	1 535	500	1 050	890 090
8	1 205	2 683	2 506	375	6 769	5 598	—	5 598	—	—	1 050	890 211
9	—	699	3 992	2 411	7 102	5 780	—	5 780	—	—	1 050	890 483
10	—	364	1 541	820	6 725	2 871	—	2 871	—	—	1 050	893 287
11	—	—	—	—	—	3 500	—	3 500	1 465	—	1 050	890 202
13	—	5 451	918	—	6 369	6 756	—	6 756	—	—	1 050	888 765
14	800	463	1 213	3 406	6 882	903	100	1 003	—	—	1 050	893 594
15	400	2 633	2 446	1 476	6 955	2 250	—	2 250	—	—	1 050	897 249
16	—	2 591	2 070	2 188	6 849	3 634	—	3 364	—	—	1 050	899 414
17	—	4 030	583	2 310	6 923	3 453	—	3 453	750	—	1 050	902 584
22	—	3 264	2 169	673	6 106	18 313	925	19 238	—	—	4 200	885 252
23	—	5 906	250	650	6 806	3 000	—	33 000	—	—	1 050	888 008
24	—	2 755	—	4 918	7 673	5 678	—	5 678	—	—	1 050	888 953
25	—	—	—	—	—	3 374	—	3 374	—	—	1 050	884 529
27	301	1 686	1 250	4 347	7 584	1 210	130	1 340	—	—	1 050	889 723
28	—	3 635	500	3 674	7 809	2 735	—	2 735	—	—	1 050	893 747
Total	**3 523**	**60 338**	**22 213**	**37 543**	**123 617**	**110 468**	**1 405**	**111 873**	**6 550**	**500**	**25 200**	

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO DO BRASIL

1 9 5 0	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Bahia	Paranaguá	A. dos Reis	Recife	Total
Janeiro	2 230 542	901 153	96 224	28 687	236 574	45 369	36 147	3 574 696
Fevereiro	2 162 134	893 747	92 039	28 710	194 438	42 737	37 486	3 451 291
FEVEREIRO:								
1 9 4 9	1 863 488	786 326	56 837	69 129	274 750	18 515	34 715	3 103 758
1 9 4 8	2 104 070	724 873	78 211	70 593	279 059	22 431	45 115	3 324 352
1 9 4 7	2 640 459	848 356	302 211	92 901	121 228	30 754	94 500	4 130 409
1 9 4 6	2 387 648	610 098	235 106	58 070	125 237	2 122	89 120	3 507 401

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

1950 — Sacas de 60 quilos

Porto de Embarque	Exterior	Consumo de Bordo	Cabotagem	Total
FEVEREIRO:				
Santos	478 808	190	1 301	480 299
Rio de Janeiro	110 468	—	1 405	111 873
Vitória	43 446	—	10 937	54 383
Paranaguá	61 735	—	175	61 910
A. dos Reis	13 775	—	—	13 775
Salvador	5 024	—	2 835	7 859
Recife	6 410	—	100	6 510
Florianopolis	1 000	—	—	1 000
Total	720 666	190	16 753	737 609
Janeiro	1 043 840	389	24 125	1 068 354
TOTAL GERAL:	1 764 506	579	40 878	1 805 963

— Adubar sàbiamente é manter a fertilidade da terra, que é o maior patrimônio do agricultor e do país.

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

SAFRA 1949/50

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO				ESTOQUE EM PODER DO DNC			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogros-sense	Total Geral	Embarques	Despachos	Revertido ao estoque p/DNC.	Retirado do estoque p/ DNC.	Entrado	Revertido ao estoque do DNC.	Total em poder do DNC.	Existencia
Julho	838 502	4 291	6 287	25 979	—	875 059	1 204 360	1 173 564	211 948	508	—	210 311	352 087	2 146 203
Agôsto	1 000 950	6 696	11 562	34 323	1 110	1 055 641	1 047 196	1 056 761	131 808	5 539	38 360	131 808	258 639	2 280 917
Setembro	794 677	27 275	5 880	54 398	750	882 980	1 250 515	1 229 262	138 027	21 992	—	137 134	121 505	2 029 417
Outubro	975 911	23 115	14 693	80 956	495	1 095 170	964 261	995 838	22 080	8 639	—	—	121 505	2 153 767
Novembro	882 774	24 057	4 476	73 647	1 250	986 204	993 711	921 638	23 563	12 107	12 149	23 563	110 091	2 157 716
Dezembro	610 573	26 364	4 434	58 662	2 350	702 383	641 609	637 661	7 000	14 061	5 528	7 000	108 619	2 211 429
Janeiro	484 638	28 008	9 107	61 899	1 500	585 152	554 954	577 367	5 701	16 786	4 858	4 525	108 952	2 230 542
Fevereiro	339 168	25 433	4 157	49 232	—	417 990	480 339	458 033	3 786	9 845	—	3 000	105 952	2 162 134
Total da Safra	**5 927 193**	**165 239**	**60 596**	**439 096**	**8 455**	**6 600 579**	**7 050 124**	**883 913**	**89 477**	**60 895**	**517 341**	—	—	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

SAFRA 1949/50

MESES	ENTRADAS						MOVIMENTO				ESTOQUE EM PODER DO DNC			
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Matogrossense	Total Geral	Embarques	Despachos	Revertido ao estoque p/DNC.	Retirado do estoque p/ DNC.	Entrado	Revertido ao estoque do DNC.	Total em poder do DNC.	Existencia
Julho	838 502	4 291	6 287	25 979	—	875 059	1 204 360	1 173 564	211 948	508	—	210 311	352 087	2 146 203
Agôsto	1 000 950	6 696	11 562	34 323	1 110	1 055 641	1 047 196	1 056 761	131 808	5 539	38 360	131 808	258 639	2 280 917
Setembro	794 677	27 275	5 880	54 398	750	882 980	1 250 515	1 229 262	138 027	21 992	—	137 134	121 505	2 029 417
Outubro	975 911	23 115	14 693	80 956	495	1 095 170	964 261	995 838	22 080	8 639	—	—	121 505	2 153 767
Novembro	882 774	24 057	4 476	73 647	1 250	986 204	993 711	921 638	23 563	12 107	12 149	23 563	110 091	2 157 716
Dezembro	610 573	26 364	4 434	58 662	2 350	702 383	641 609	637 661	7 000	14 061	5 528	7 000	108 619	2 211 429
Janeiro	484 638	28 008	9 107	61 899	1 500	585 152	554 954	577 367	5 701	16 786	4 858	4 525	108 952	2 230 542
Fevereiro	339 168	25 433	4 157	49 232	—	417 990	480 339	458 033	3 786	9 845	—	3 000	105 952	2 162 134
Total da Safra	**5 927 193**	**165 239**	**60 596**	**439 096**	**8 455**	**6 600 579**	**7 050 124**	**883 913**	**89 477**	**60 895**	**517 341**	—	—	—

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO DE 1950

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAL
EUROPA:	Bélgica	14.025	
	Itália	4.495	
	Trieste	2.841	
	Holanda	1.527	
	Alemanha	2.500	
	Áustria	750	
	Suiça	450	
	Turquia	333	
	França	13	26.937
AMERICA DO NORTE	Estados Unidos	56.755	
	Canadá	250	57.005
AMERICA CENTRA:	Curaçáo	150	150
AMERICA DO SUL:	Argentina	18.658	18.658
OCEANÍA:	Austrália	735	735
ÁFRICA:	U. S. Africana	6.928	
	Sud. Africano	55	6.983
	Total p/o exterior:		110.468
CABOTAGEM:	Norte	100	
	Sul	1.305	1.405
	Total geral:		111.873

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE FEVEREIRO E SAFRA 1949/50

MESES		ENTRADAS	EMBARQUES
1949	Julho	229.259	413.596
	Agôsto	565.079	524.010
	Setembro	655.937	571.086
	1.º Trimestre:	**1.450.275**	**1.508.692**
	Outubro	630.104	445.720
	Novembro	581.542	582.309
	Dezembro	359.258	347.065
	2.º Trimestre:	**1.570.904**	**1.375.094**
	1.º SEMESTRE: .	**3.021.179**	**2.883.786**
1950	Janeiro	335.846	247.881
	Fevereiro	123.617	111.873

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

Detalhe pelos portos de procedência

JANEIRO DE 1950

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 kg.	Valor em cruzeiros
AFRICA:			
SUDOESTE AFRICANO:			
Luderitz Bay	Rio de Janeiro	35	32 913
UNIÃO SUL AFRICANA:			
Cape Town	Santos	595	615 842
	Rio de Janeiro	2 800	2 413 946
Durban	Santos	465	514 743
	Rio de Janeiro	2 706	2 357 720
Mossel Bay	Rio de Janeiro	1 153	1 045 588
Port Elizabeth	Rio de Janeiro	1 898	1 565 741
AMÉRICA CENTRAL:			
CURAÇAO: Curaçao	Rio de Janeiro	60	53 260
AMÉRICA DO NORTE:			
CANADÁ:			
Halifax	Santos	1 525	1 639 528
Montreal	Santos	4 000	4 614 487
	Paranaguá ...	1 500	1 091 772
Toronto	Santos	800	863 702
	Rio de Janeiro	500	580 822
Vancouver	Santos	7 500	8 378 840
	Rio de Janeiro	300	293 859
	Paranaguá ...	1 250	1 369 509
Windsor	Santos	100	113 515
Winnipeg	Santos	1 100	1 240 398
	Rio de Janeiro	500	354 234
	Paranaguá	250	246 680
ESTADOS UNIDOS:			
Baltimore	Santos	10 750	12 466 627
	Rio de Janeiro	1 750	1 277 591
	Angra dos Reis	2 216	2 529 045
	Paranaguá	36 325	36 739 467
Boston	Santos	18 574	20 913 278
	Rio de Janeiro	4 000	4 433 674
	Paranaguá ...	10 500	10 844 514

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 kg.	Valor em cruzeiros
Corpus Christi	Santos	1 000	1 007 671
	Rio de Janeiro	792	864 890
Filadélfia	Santos	9 750	11 105 136
Houston	Santos	9 302	9 279 625
	Rio de Janeiro	2 924	1 675 553
	Vitória	250	190 115
	Angra dos Reis	3 000	2 738 674
Jacksonville	Santos	8 176	9 243 778
	Rio de Janeiro	1 500	978 016
	Paranaguá	6 000	4 367 088
Los Ângeles	Santos	8 600	8 938 407
	Rio de Janeiro	4 250	2 939 674
	Paranaguá	3 500	3 531 801
New Orleans	Santos	96 382	104 400 732
	Rio de Janeiro	33 521	26 510 860
	Vitória	13 820	9 507 283
	Angra dos Reis	8 615	8 751 432
	Paranaguá	27 286	27 048 415
New York	Santos	197 889	207 206 328
	Rio de Janeiro	21 066	16 542 091
	Vitória	500	381 122
	Angra dos Reis	3 000	3 308 889
	Paranaguá	59 516	58 268 243
	Recife	200	228 253
Norfolk	Santos	1 000	871 778
	Rio de Janeiro	2 028	1 867 625
	Vitória	250	184 085
	Recife	250	252 216
Portland, Oregon	Santos	4 574	4 990 954
	Rio de Janeiro	2 250	2 087 883
	Paranaguá	1 000	1 056 940
São Francisco	Santos	16 432	17 122 477
	Rio de Janeiro	11 450	10 415 156
	Angra dos Reis	1 000	810 719
	Paranaguá	4 931	5 161 412
Seattle	Santos	750	830 649
	Paranaguá	100	72 785
AMERICA DO SUL:			
ARGENTINA:			
Buenos Aires	Santos	5 333	5 989 504
	Rio de Janeiro	41 618	35 812 016
	Vitória	17 625	13 288 936
	Recife	500	455 000

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 kg.	Valor em cruzeiros
Rosário	Santos	100	118 000
	Rio de Janeiro	2 819	1 684 625
	Vitória	1 975	1 543 275
CHILE:			
Antofagasta	Vitória	25	19 341
Coquimbo	Vitória	76	57 970
Corral	Vitória	438	335 842
Talcahuano	Vitória	1 453	1 091 284
Valparaiso	Rio de Janeiro	102	86 657
	Vitória	3 935	2 918 584
URUGUAI:			
Montevideu	Rio de Janeiro	100	83 184
ASIA:			
TURQUIA ASIÁTICA:			
Smyrna	Rio de Janeiro	57	23 392
EUROPA:			
ALEMANHA: Hamburgo	Santos	2 500	3 014 779
	Rio de Janeiro	1 000	917 177
ÁUSTRIA:			
via Trieste	Rio de Janeiro	750	743 563
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:			
Antuérpia	Santos	20 001	20 882 014
	Rio de Janeiro	21 945	18 938 279
	Vitória	12 140	9 179 490
	Recife	950	1 121 008
DINAMARCA: Copenhague	Santos	10	13 288
	Rio de Janeiro	9 849	7 930 662
FINLÂNDIA: Helsinki	Santos	10	13 288
	Rio de Janeiro	9 849	7 930 662
GIBRALTAR:	Rio de Janeiro	8 172	4 795 372
FRANÇA: Havre	Santos	7 500	9 048 375
GRÃ-BRETANHA:			
Liverpool	Santos	3 000	1 766 766
Londres	Rio de Janeiro	1 000	843 014
HOLANDA:			
Amsterdam	Santos	2 375	2 683 567
	Rio de Janeiro	18 612	12 264 099
	Vitória	500	404 176
Rotterdam	Rio de Janeiro	750	694 676
	Vitória	125	102 560

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 kg.	Valor em cruzeiros
ISLÂNDIA: Reykjavik	Rio de Janeiro	1 982	1 702 170
ITÁLIA:			
Ancona	Rio de Janeiro	125	109 136
Bari	Rio de Janeiro	125	160 182
	Santos	500	371 919
Cagliari	Rio de Janeiro	330	252 745
Catânia	Rio de Janeiro	189	202 685
	Vitória	250	206 224
Gênova	Santos	6 542	7 801 225
	Rio de Janeiro	5 224	4 114 867
	Vitória	6 625	5 125 154
	Bahia	3 812	2 759 615
	Recife	1 650	1 519 493
Livorno	Santos	350	446 843
	Rio de Janeiro	300	173 470
	Vitória	375	245 097
	Bahia	125	94 565
Messina	Rio de Janeiro	125	85 467
	Vitória	125	93 738
Nápoles	Santos	3 275	3 789 992
	Rio de Janeiro	4 275	2 724 688
	Vitória	505	381 679
	Gahia	125	94 565
	Recife	500	486 721
Palermo	Rio de Janeiro	250	122 449
Veneza	Santos	705	722 092
	Rio de Janeiro	1 700	1 225 156
	Vitória	500	429 541
NORUEGA:			
Bergen	Santos	1 450	1 383 300
Oslo	Rio de Janeiro	750	657 000
Trondhjem	Santos	600	630 000
	Rio de Janeiro	500	441 000
SUÉCIA:			
Estockolmo	Santos	37 032	41 184 827
	Rio de Janeiro	1 611	1 761 235
Gotemburgo	Santos	16 638	18 452 394
	Bahia	525	626 250
Helsingborg	Santos	8 265	8 812 494
Malmo	Santos	3 686	4 135 302
	Bahia	470	517 590

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 kg.	Valor em cruzeiros
SUIÇA:			
via Amsterdam	Santos	500	460 970
	Rio de Janeiro	3 750	3 239 613
via Antuérpia	Santos	1 000	1 057 323
	Rio de Janeiro	1 500	1 387 353
	Paranaguá	771	801 753
	Bahia	420	410 848
	Recife	1 517	1 393 887
via Gênova	Santos	85	87 176
	Bahia	150	142 261
via Rotterdam	Santos	1 543	1 552 485
	Rio de Janeiro	1 300	1 102 616
	Paranaguá	1 000	1 198 371
	Bahia	250	242 616
	Recife	2 200	1 899 193
via Trieste	Bahia	400	378 260
TRIESTE:	Santos	1 909	2 412 492
	Rio de Janeiro	17 505	11 712 171
	Vitória	875	661 432
	Recife	500	484 098
TURQUIA EUROPÉIA:			
Stambul	Rio de Janeiro	833	747 215
TOTAL GERAL:		**1 043 840**	**1 012 951 318**

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos paises de destino

JANEIRO DE 1950

DESTINO	Quantidade (em sacas de 60 kg.)	Valor em cruzeiros
AFRICA:		
SUDOESTE AFRICANO:		
Luderitz Bay	35	32 913
UNIÃO SUL AFRICANA:	**9 617**	**8 513 580**
Cape Town	3 395	3 029 788
Durban	3 171	2 872 463
Mossel Bay	1 153	1 045 588
Port Elizabeth	1 898	1 565 741
AMÉRICA CENTRAL:		
CURAÇAO:	60	53 260
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	**19 325**	**20 787 346**
Halifax	1 525	1 639 528
Montreal	5 500	5 706 259
Toronto	1 300	1 444 524
Vancouver	9 050	10 042 208
Windsor	100	113 515
Winnipeg	1 850	1 841 312
ESTADOS UNIDOS:	**650 969**	**653 942 952**
Baltimore	51 041	53 012 730
Boston	33 074	36 191 466
Corpus Christi	1 792	1 872 561
Filadélfia	9 750	11 105 136
Houston	15 476	13 883 967
Jacksonville	15 676	14 588 882
Los Ângeles	16 350	15 409 882
New Orleans	179 624	176 281 723
New York	282 171	285 934 926
Norfolk	3 528	3 175 704
Portland, Oregon	7 824	8 135 777
San Francisco	33 813	33 509 764
Seattle	850	903 434
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	**69 970**	**58 891 356**
Buenos Aires	65 076	55 545 456
Rosário	4 894	3 345 900
CHILE:	**6 029**	**4 509 678**
Antofagasta	25	19 341

DESTINO	Quantidade (em sacas de 60 kg.)	Valor em cruzeiros
Coquimbo	76	57 970
Corral	438	335 842
Talcahuano	1 453	1 091 284
Valparaiso	4 037	3 005 241
URUGUAI: Montevideu	100	83 184
ASIA:		
TURQUIA ASIÁTICA:		
Smyrna	57	23 392
EUROPA:		
ALEMANHA: Hamburgo	3 500	3 931 956
ÁUSTRIA:		
via Trieste	750	743 563
Antuérpia		
BELGO-LUXEMBURGUESA, U.E.:	55 036	50 120 791
DINAMARCA: Copenhague	26 375	25 355 605
FINLÂNDIA: Helsinki	9 859	7 943 950
GIBRALTAR:	8 172	4 795 372
FRANÇA: Havre	7 500	9 048 375
GRÃ-BRETANHA:	**4 000**	**2 609 780**
Liverpool	3 000	1 766 766
Londres	1 000	843 014
HOLANDA:	**22 362**	**16 149 078**
Amsterdam	21.487	15 351 842
Rotterdam	875	797 236
ISLÂNDIA: Reykjavik	1 982	1 702 170
ITÁLIA:	**38 607**	**33 739 308**
Bari	625	532 101
Ancona	125	109 136
Cagliari	330	252 745
Catania	439	408 909
Gênova	23 853	21 320 354
Livorno	1 150	959 975
Messina	250	179 205
Nápoles	8 680	7 477 645
Palermo	250	122 449
Veneza	2 905	2 376 789
NORUEGA:	**3 300**	**3 111 300**
Bergen	1 450	1 383 300
Oslo	750	657 000
Trondhjem	1 100	1 071 000

DESTINO	Quantidade (em sacas de 60 kg.)	Valor em cruzeiros
SUÉCIA:	**68 227**	**75 490 092**
Estocolmo	38 643	42 946 062
Gotemburgo	17 163	19 078 644
Helsingborg	8 265	8 812 494
Malmo	4 156	4 652 892
SUIÇA:	**16 386**	**15 354 909**
via Amsterdam	4 250	3 700 583
via Antuérpia	5 208	5 051 164
via Gênova	235	229 437
via Rotterdam	6 293	5 995 465
via Trieste	400	378 260
TRIESTE:	20 289	15 270 193
TURQUIA EUROPÉIA: Stambul	833	747 215
TOTAL GERAL:	**1 043 840**	**1 012 951 318**

ESTATÍSTICA SUECA DE CAFÉ

SACAS DE 60 QUILOS

		1950	1949	1948	1947	1946
ESTOQUE:	Jan. 1.º	93.367	113.889	165.650	250.466	174.625
	Fev. "	70.667	99.716	158.466	318.000	164.576
	Mar. "		91.100	162.867	302.083	244.117
	Abr. "		114.050	172.133	228.266	247.028
	Mai "		119.117	241.100	193.867	242.171
	Jul. "		102.600	272.183	199.213	213.596
	Jun. "		148.251	271.000	203.400	184.536
	Ag. "		118.184	244.483	228.567	267.980
	Sep. "		125.683	210.567	206.050	237.139
	Out. "		98.017	157.817	181.600	281.715
	Nov. "		105.022	132.350	164.800	288.392
	Dez. "		100.450	121.533	166.667	240.030
CHEGADA:	Jan.	32.467	30.216	43.616	133.651	113.819
	Fev.		34.617	63.268	49.750	72.254
	Mar.		74.717	49.616	——	74.468
	Abr.		49.683	119.667	24.467	58.946
	Mai.		31.366	73.616	69.513	46.047
	Jun.		98.851	47.400	65.287	41.194
	Jul.		18.400	19.133	81.600	146.245
	Ag.		58.266	13.267	35.266	43.023
	Set.		22.967	——	40.267	109.200
	Out.		41.266	19.483	66.217	70.245
	Nov.		46.400	39.083	65.233	21.519
	Dez.		51.750	38.383	65.416	95.330
	Total do ano		**555.490**	**522.532**	**697.067**	**895.300**
ENTREGAS:	Jan.	55.167	44.383	53.800	66.117	61.500
	Fev.		43.233	58.867	65.667	58.091
	Mar.		51.767	40.350	73.417	71.557
	Abr.		44.616	47.700	59.166	63.803
	Mai.		47.883	42.533	64.567	74.622
	Jun.		50.200	48.853	61.100	70.254
	Jul.		48.467	45.650	56.433	63.801
	Ag.		50.767	47.183	57.783	73.864
	Set.		50.633	53.750	64.717	64.624
	Out.		34.250	43.950	83.017	63.568
	Nov.		50 983	48.900	63 366	69.881
	Dez.		58.833	46.003	63.433	84.894
	Total do ano		**576.015**	**577.299**	**778.883**	**819.459**

A. B. M. A. SEYMER & CO.

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEIS EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

FEVEREIRO DE 1950

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	4 móle	4 duro	5 sem descrição	7	7
1	177 00	167 00	142 50	131 00	120 00
2	177 00	167 00	142 50	131 00	120 00
3	177 00	167 00	142 50	131 00	120 00
6	177 00	167 00	143 50	132 00	120 00
7	177 00	167 00	145 00	134 00	121 00
8	177 00	167 00	145 50	134 00	121 00
9	177 00	167 00	145 50	134 00	120 00
10	177 00	167 00	145 50	134 00	120 00
13	177 00	167 00	146 00	134 00	120 00
14	177 00	167 00	146 00	134 50	120 00
15	177 00	167 00	146 00	134 50	120 00
16	177 00	167 00	146 00	134 50	120 00
17	176 50	166 50	146 00	134 00	120 00
22	176 50	166 50	146 00	134 00	120 00
23	176 50	166 50	146 00	134 00	120 00
24	176 50	166 50	146 50	—	—
27	176 50	166 50	146 50	133 00	119 00
28	176 00	166 50	146 50	132 00	117 00
Média	**176 83**	**166,83**	**145,22**	**133 19**	**119 88**

— Da boa seca depende um **bom café,** aromático e de bom paladar.

COTAÇÕES DE CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

FEVEREIRO DE 1950

DIAS	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	**Tipo 4**	**Tipo 2 extra mole**	**Tipo 4 extra mole**	**Tipo 4**	**Tipo 7**
1	Nom 48 00	Nom 47 75	Nom 52 50	42 25	Nominal	n/cot.
2	" 48 00	" 47 75	" 52 50	49 25	"	"
3	" 48 00	" 47 75	" 52 50	49 25	"	"
6	" 48 00	" 47 75	" 52 50	49 25	"	"
7	" 48 00	" 47 75	" 52 50	49 25	"	"
8	" 48 00	" 47 75	" 52 50	49 00	"	"
9	" 48 00	" 47 75	" 52 00	49 00	"	"
10	" 48 00	" 47 75	" 52 00	49 00	"	"
14	" 48 00	" 47 75	" 52 00	49 00	"	"
15	" 48 00	" 47 75	" 52 00	49 00	"	"
16	" 47 75	" 47 50	" 52 00	49 00	"	"
17	" 47 75	" 47 50	" 51 50	48 50	"	"
18	" 47 75	" 47 50	" 51 50	48 25	"	"
20	" 47 00	" 47 75	" 51 00	48 50	"	"
21	" 48 00	" 47 75	" 51 50	48 25	"	"
23	" 48 00	" 47 75	" 51 00	48 00	"	"
24	" 47 75	" 47 50	" 51 00	48 00	"	"
27	" 47 50	" 47 25	" 51 00	48 00	"	"
28	" 46 50	" 46 25	" 50 75	47 75	"	"
Média	**47 79**	**47 59**	**51 78**	**48 66**		

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

FEVEREIRO DE 1950

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	4	11	18	25	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso.....	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	52 00
Armenia	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	52 00
Manizales	(6) 51 3/4	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	51 15/16
Cucuta	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	51 3/4
Bogotá	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	51 3/4
Toíima	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	51 3/4
Ocana	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	(6) 51 3/4	51 3/4
COSTA RICA:					
Hard	(3) 53 00	(3) 53 00	(3) 53 00	(3) 53 00	53 00
Fine Atlantic	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 00	(2) 52 00	52 00
CUBA:					
Lavado Bom	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	
Extra não lavado	"	"	"	"	
EQUADOR:					
Lavado	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	(6) 49 00	49 00
Extra não lavado...	(3) 42 00	(3) 41 1/2	(3) 41 1/2	(3) 41 1/2	41 5/8
GUATEMALA:					
Antigua	n/cot.	n/cot.	n/cot.		
Extra Prime	(6) 52 3/4	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	(6) 51 1/2	51 13/16
Lavado Bom	(6) 52 1/4	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 51 00	51 5/16
Bourbon	(6) 51 1/2	(6) 49 1/2	(6) 49 1/2	(6) 49 1/2	50 00
HAITÍ:					
Lavado bom mole....	(2) 49 00	(2) 50 00	(2) 50 00	(2) 50 00	49 3/4
Catado à mão.......	(2) 44 00	(2) 46 1/2	(2) 46 1/2	(2) 48 1/2	46 3/8
HONDURAS:					
Lavado Bom	(3) 50 00	(3) 50 00	(3) 50 00	(3) 50 00	50 00
Tipo 5 - Comum duro	(3) 44 00	(3) 44 00	(3) 44 00	(3) 44 00	44 00
JAMAICA:					
Lavado	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	
Comum bom	"	"	"	"	

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	4	11	18	25	MÉDIA
MÉXICO:					
Coatepec	(2) 52 1/2	(2) 51 3/4	(2) 51 3/4	(2) 51 3/4	51 15/16
Tapachula Primeira..	(2) 50 1/2	(2) 50 00	(2) 50 00	(2) 50 00	51 1/8
Maragogipe	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	
NICARÁGUA:					
Matagalpa	”	”	”	”	
Lavada primeira	(6) 51 1/2	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 51 00	51 1/8
EL SALVADOR:					
Lavada primeira	(6) 53 00	(2) 50 1/2	(2) 50 1/2	(2) 50 1/2	51 1/8
Não lavado	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 00	(6) 48 00	48 00
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole....	(2) 50 00	(2) 50 00	(2) 50 00	(2) 50 00	50 00
Fino	(2) 49 00	(2) 49 00	(2) 49 00	(2) 49 00	49 00
VENEZUELA:					
Maracaibo	(6) 53 00	(6) 52 00	(6) 52 00	(6) 52 00	52 1/4
Trujullo	(6) 46 1/2	(6) 42 00	(6) 42 00	(6) 42 00	43 1/8
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 00	(6) 53 00	53 00
Natural robusta	(2) 40 00	(2) 40 00	(2) 40 00	(2) 40 00	40 00
KENYA:					
Lavado A	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	
Lavado T	”	”	”	”	
MOOCA:					
Moóca (Arábia)	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 51 00	(6) 51 00	51 00
N.E.I.:					
Genuino Java Lavado	(6) 61 00	(1) 62 00	(1) 62 00	(1) 62 00	61 3/4
Lavado robusta	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	
Natural Java robusta	”	”	”	”	
TANGANYKA:					
Lavado A	”	”	”	”	
UGANDA:					
Washed Lavado	(5) 37 1/2	(5) 39 00	(5) 39 00	(5) 39 00	38 5/8

INDICAÇÕES:

(1) C.&F.-U.S.A. (Nova York)
(2) Desembarcado à vista líquido
(3) Disponível
(4) F.O.B. Nova York
(5) F.O.B. País de procedência
(6) Nominal

Cotações do Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,6) — CONTRATO "S"

FEVEREIRO DE 1950

DIAS	Março		Maio		Julho		Setembro		Dezembro	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	49 40 C	49 05 Neg.	47 10 Neg.	47 06 Neg.	46 00 V	45 80 Nom	44 65 C	44 73 Nom	43 59 Neg.	43 65 Neg.
2	48 95 C	49 05 "	46 95 C	47 06 "	45 70 C	45 80 "	44 90 V	44 73 "	43 55 C	43 65 "
3	49 45 "	49 05 "	46 80 "	47 06 "	45 59 Neg.	45 80 "	44 32 Neg.	44 73 "	43 26 "	43 65 "
6	49 00 "	49 00 Nom	47 02 "	46 84 Nom	45 95 "	45 69 Neg.	44 75 "	44 54 "	43 78 "	43 49 Nom
7	49 20 V	48 65 "	46 75 "	46 48 Neg.	n/cot.	45 30 "	44 40 C	44 08 "	43 30 C	43 16 "
8	48 50 C	48 65 "	46 25 Neg.	46 48 "	45 15 "	45 30 "	43 80 "	44 08 "	43 00 Neg.	43 16 "
9	48 75 "	48 65 "	46 70 C	46 48 "	45 80 "	45 30 "	44 55 Neg.	44 08 "	43 55 "	43 16 "
10	48 90 Neg.	48 95 Neg.	46 80 Neg.	46 84 Nom	45 50 C	45 65 "	44 35 "	44 40 Neg.	43 35 "	43 49 C
14	48 90 C	49 00 "	46 91 "	47 00 Neg.	45 73 Neg.	45 79 "	44 45 "	44 49 "	43 47 "	43 49 Nom
15	48 95 Neg.	48 85 Nom	46 80 C	46 90 Nom	45 73 "	45 67 Nom	44 45 Nom	44 45 Nem	43 40 C	43 45 "
16	48 60 "	48 23 "	46 50 "	46 30 "	45 35 "	45 03 Neg.	44 15 Neg.	43 75 Neg.	43 15 "	42 75 "
17	48 13 C	47 94 "	46 01 "	46 08 Neg.	44 80 "	44 81 "	43 55 "	43 55 "	43 58 Neg.	42 58 "
20	47 99 V	47 08 "	45 75 C	45 30 Neg.	44 58 "	44 13 Nom	43 25 C	43 01 Nom	42 25 "	
21	46 66 Neg.	48 02 "	44 95 Neg.	46 25 "	44 00 "	45 13 "	42 70 "	44 00 "	41 70 C	43 01 "
23	48 08 Nom	47 82 "	46 00 C	46 30 "	45 10 "	45 10 "	43 90 Neg.	43 94 "	42 95 Neg.	42 95 "
24	47 82 C	47 50 Neg.	46 25 "	46 20 Neg.	45 20 "	44 95 Neg.	44 05 "	43 80 Neg.	43 00 C	42 80 "
27	47 25 Neg.	47 33 Nom	45 95 Neg.	45 94 Nom	44 89 "	44 74 Nom	43 49 "	43 44 Nom	42 45 "	42 44 "
28	n/cot.	45 90 Neg.	45 50 "	45 38 Neg.	44 20 "	44 05 Neg.	43 00 "	42 70 Neg.	42 01 Neg.	41 75 Neg.
Média	48 57	48 26	46 39	46 45	45 28	45 28	44 04	44 05	43 02	43 04

Cotações do Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,6) — CONTRATO "D"

FEVEREIRO DE 1950

DIAS	Março		Maio		Julho		Setembro		Dezembro	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
1	46 95 C	47 45 Nom	n/cot.	45 60 Nom	44 00 C	44 45 Nom	43 00 C	42 27	n/cot.	42 25 Nom
2	47 25 "	46 95 "	"	45 30 "	44 25 "	43 89 "	43 20 "	42 89	42 15 C	41 77 "
3	46 50 "	47 08 "	"	45 33 "	43 95 "	44 20 Neg.	42 72 "	43 00	n/cot.	42 14 "
4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
6	47 70	46 94 Nom	n/cot.	45 15 Nom	44 40 C	46 10 Neg.	n/cot.	43 04 Nom	n/cot.	42 04 Nom
7	n/cot.	46 45 "	44 65 C	45 10 "	43 80 "	43 65 "	"	42 60 "	"	41 55 "
8	"	46 65 "	45 00 V	45 15 "	n/cot.	43 80 "	"	42 90 Neg.	"	41 90 "
9	46 75 Nom	46 70 "	n/cot.	45 15 "	44 15 C	43 95 "	42 90	42 75 Nom	"	41 75 "
10	46 65 C	46 75 "	"	45 26 "	n/cot.	44 03 "	n/cot.	42 90 "	"	41 90 "
11	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
12	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
14	48 90 C	46 85 Nom	46 91 Neg.	45 28 Nom	45 73 Neg.	44 08 Nom	44 45 Neg.	42 86 Nom	43 47 Neg.	41 86 Nom
15	n/cot.	46 65 "	n/cot.	45 05 "	n/cot.	43 83 "	n/cot.	42 61 "	n/cot.	41 61 "
16	"	46 15 "	"	44 52 "	"	43 30 "	"	42 18 "	41 00 C	41 18 "
17	46 00 C	45 90 "	n/cot.	44 30 "	42 80 C	43 05 Neg.	41 75 C	41 90 "	40 70 C	40 90 "
18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
19	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
20	45 90 V	45 00 Nom	n/cot.	43 50 Nom	n/cot.	42 20 Nom	n/cot.	41 05 Nom	40 05 Nom	n/cot.
21	45 00 Neg.	45 90 "	43 00 C	44 40 "	41 80 C	43 25 "	"	42 25 "	n/cot.	41 25 Nom
22	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
23	n/cot.	45 65 "	43 90 C	44 35 "	42 80 C	43 20 "	41 80 C	42 20 "	n/cot.	41 20 "
24	"	45 55 Nom	44 45 "	44 35 "	43 30 "	43 10 Neg.	42 30 "	42 10 "	41 20 C	41 10 "
25	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
26	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
27	n/cot.	45 35 Nom	43 85 C	44 10 Nom	42 65 C	42 85 Nom.	n/cot.	41 85 "	n/cot.	40 85 Nom
28	45 50 V	45 30 "	n/cot.	43 50 "	n/cot.	42 30 "	"	41 85 Nom	"	40 30 "
Média	46 65	46 29	44 54	44 74	43 64	43 53	42 77	42 37	41 43	41 50

CÂMBIO EM S. PAULO

FEVEREIRO DE 1950

MÉDIA DIARIA DE CAMBIO LIVRE, AFIXADO PELA BOLSA OFICIAL DE VALORES DE SÃO PAULO

DIAS	Inglaterra	Est. Unidos	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	Tcheco-slováquia	França
1	52,4160	18,72	—	—	4,3939	—	—	—	—	—	—	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	4,3977	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
3	52,4160	18,72	—	—	4,3953	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
4	52,4160	18,72	—	4,9159	—	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	4.3958	3,6209	—	—	—	0,3778	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	—	4,3958	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
8	52,4160	18,72	—	4,9159	4,3939	3,6209	—	1,7096	—	0,3778	—	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	4,3939	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
10	52,4160	18,72	—	—	4,3939	3,6209	2,7353	—	—	0,3778	0,3744	0,0535
11	52,4160	18,72	6,8446	—	4,3939	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,3778	0,3744	0,0535
13	52,4160	18,72	—	4,9177	4,3939	3,6209	—	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	4,3939	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
15	52,1160	18,72	—	—	4,3939	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	4,3958	3,6209	—	—	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
17	52,4160	18,72	—	4,9140	4,3882	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
18	52,4160	18,72	—	4,9140	4,3920	3,6209	—	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
22	52.4160	18,72	—	—	4,3900	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	4,3882	3,6209	—	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
24	52.4160	18,72	—	4,9159	4,3882	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0,3778	—	0,0535
25	52,4160	18,72	6,8197	4,9158	4,3905	3,6209	2,7353	1,7096	0,6572	0.3778	0,3744	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	4,3958	3,6209	2,7353	—	0,6572	0,3778	—	0,0535
28	52.4160	18,72	7,0775	4,9160	—	3,6209	—	1,7096	0,6572	0,3778	0,3744	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**6,9139**	**4,9156**	**4,3932**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**0,6572**	**0,3778**	**0,3744**	**0,0535**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

FEVEREIRO DE 1950

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa
1	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 34	2,03 99	6,49 47	n/cot.	3,55 51
2	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 34	2,03 88	6,49 47	"	3,55 51
3	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 34	2,03 88	6,51 77	"	3,55 51
4	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 34	2,03 88	6,51 77	"	3,55 51
6	51,46 40	18,38 00	4,28 07	0,63 34	2,03 88	6,51 77	"	3,55 51
7	51,46 40	18,38 00	4,28 89	0,63 34	2,03 88	6,58 78	"	3,55 51
8	51,46 40	18,38 00	4,28 89	0,63 34	2,03 88	6,58 78	"	3,55 51
9	51,46 40	18,38 00	4,27 70	0,63 34	2,03 88	6,63 54	"	3,55 51
10	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 34	2,03 88	6,63 54	"	3,55 51
11	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 34	2,03 88	6,65 94	"	3,55 51
13	51,46 40	18,38 00	4,27 89	0,63 34	2,03 88	6,68 36	"	3,55 51
15	51,46 40	18,38 00	4,27 70	0,63 34	2,03 88	6,88 36	"	3,55 51
16	51,46 40	18,38 00	4,27 33	0,63 34	2,03 88	6,88 36	"	3,55 51
17	51,46 40	18,38 00	4,27 52	0,63 34	2,03 88	7,01 53	"	3,55 51
18	51,46 40	18,38 00	4,27 52	0,63 34	2,03 88	7,01 53	"	3,55 51
22	51,46 40	18,38 00	4,27 52	0,63 34	2,03 88	7,01 53	"	3,55 51
23	51,46 40	18,38 00	4,27 33	0,63 34	2,03 88	6,83 27	"	3,55 51
24	51,46 40	18,38 00	4,27 33	0,63 34	2,03 88	6,83 27	"	3,55 51
25	51,46 40	18,38 00	4,27 15	0,63 34	2,03 88	6,83 27	"	3,55 51
27	51,46 40	18,38 00	4,27 42	0,63 34	2,03 88	6,83 27	"	3,55 51
28	51,46 40	18,38 00	4,27 33	0,63 34	2,03 88	6,88 39	"	3,55 51
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,27 73**	**0,63 34**	**2,03 88**	**6,73 14**	**"**	**3,55 51**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

MERCADO LIVRE — VENDAS À VISTA

FEVEREIRO DE 1950

DIAS	Londres Libra	N. York Dólar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Chile Peso	Suécia Corôa
1	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	2,08 35	6,72 17	n/cot.	3,62 09
2	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	2,08 35	6,72 17	”	3,62 09
3	52,41 60	18,72 00	4,39 59	0,65 72	2,08 35	6,74 59	”	3,62 09
4	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	2,08 35	6,74 59	”	3,62 09
6	52,41 60	18,72 00	4,39 57	0,65 72	2,08 35	6,74 59	”	3,62 09
7	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	2,08 35	6,81 97	”	3,62 09
8	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	2,08 35	6,81 97	”	3,62 09
9	52,41 60	18,72 00	4,39 19	0,65 72	2,08 35	6,86 97	”	3,62 09
10	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	2,08 35	6,86 97	”	3,62 09
11	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	2,08 35	6,89 50	”	3,62 09
13	52,41 60	18,72 00	4,39 39	0,65 72	2,08 35	6,92 05	”	3,62 09
15	52,41 60	18,72 00	4,39 19	0,65 72	2,08 35	7,13 14	”	3,62 09
16	52,41 60	18,72 00	4,39 19	0,65 72	2,08 35	7,13 14	”	3,62 09
17	52,41 60	18,72 00	4,39 00	0,65 72	2,08 35	7,26 99	”	3,62 09
18	52,41 60	18,72 00	4,39 00	0,65 72	2,08 35	7,26 99	”	3,62 09
22	52,41 60	18,72 00	4,39 00	0,65 72	2,08 35	7,26 99	”	3,62 09
23	52,41 60	18,72 00	4,38 81	0,65 72	2,08 35	7,07 75	”	3,62 09
24	52,41 60	18,72 00	4,38 81	0,65 72	2,08 35	7,07 75	”	3,62 09
25	52,41 60	18,72 00	4,38 81	0,65 72	2,08 35	7,07 75	”	3,62 09
27	52,41 60	18,72 00	4,38 81	0,65 72	2,08 35	7,07 14	”	3,62 09
28	52,41 60	18,72 00	4,38 81	0,65 72	2,08 35	7,13 14	”	3,62 09
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,39 18**	**0,65 72**	**2,08 35**	**6,97 09**	**—**	**3,62 09**

CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

FEVEREIRO DE 1950

DIAS	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr. $	B. Aires Peso	Montevideo Peso	Paris Franco Livre	Berna Franco Livre	Stocolmo Corôa	Lisbôa Escudo	Bélgica Franco	Amsterdam Guilder
1	2 80 3/16	0 89 11/16	0 05 46	0 11 20	0 36 50	0 0028 3/4	0 23 31	0 19 35	0 03 49	0 0200 1/8	0 26 31
2	2 80 3/16	0 89 3/4	0 05 46	0 11 20	0 36 60	0 0028 11/16	0 23 31	0 19 35	0 03 49	0 0200 3/16	0 26 28
3	2 80 3/16	0 89 13/16	0 05 46	0 11 20	0 36 50	0 0028 11/16	0 23 31	0 19 35	0 03 49	0 0200 1/8	0 26 31
6	2 80 1/8	0 89 3/4	0 05 46	0 11 20	0 36 50	0 0028 11/16	0 23 30	0 19 35	0 03 49	0 0200 3/16	0 26 29
7	2 80 3/16	0 89 7/8	0 05 46	0 11 20	0 36 50	0 0028 11/16	0 23 30	0 19 35	0 03 49	0 0200 3/16	0 26 29
8	2 80 3/16	0 89 13/16	0 05 46	0 11 20	0 36 30	0 0028 11/16	0 23 29	0 19 35	0 03 48	0 0200 3/16	0 26 29
9	2 80 1/8	0 89 13/16	0 05 46	0 11 20	0 36 25	0 0028 11/16	0 23 30	0 19 35	0 03 48	0 0200 3/16	0 26 29
10	2 80 3/16	0 89 7/8	0 05 46	0 11 20	0 36 75	0 0028 11/16	0 23 30	0 19 35	0 03 48	0 0200 3/16	0 26 28
14	2 80 3/16	0 89 7/8	0 05 46	0 11 20	0 36 75	0 0028 11/16	0 23 29	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/8	0 26 28
15	2 80 3/16	0 89 15/16	0 05 46	0 11 20	0 38 00	0 0028 11/16	0 23 27	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/16	0 26 27
16	2 80 3/16	0 90 1/16	0 05 46	0 11 20	0 38 25	0 0028 11/16	0 23 28	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/8	0 26 27
17	2 80 3/16	0 90 1/16	0 05 46	0 11 20	0 38 80	0 0028 11/16	0 23 28	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/8	0 26 28
20	2 80 3/16	0 89 15/16	0 05 46	0 11 20	0 39 50	0 0028 11/16	0 23 28	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/16	0 26 28
21	2 80 3/16	0 90 00	0 05 46	0 11 20	0 39 50	0 0028 11/16	0 23 27	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/16	0 26 28
23	2 80 1/8	0 89 15/16	0 05 46	0 11 20	0 39 25	0 0028 5/8	0 23 26	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/16	0 26 28
24	2 80 1/8	0 89 7/8	0 05 46	0 11 20	0 38 50	0 0028 11/16	0 23 27	0 19 35	0 03 47	0 0199 4/8	0 26 28
27	2 80 3/16	0 90 00	0 05 46	0 11 20	0 39 26	0 0028 11/16	0 23 27	0 19 35	0 03 47	0 0200 1/16	0 26 28
28	2 80 3/16	0 90 00	0 05 46	0 11 20	0 39 25	0 0028 11/16	0 23 26	0 19 35	0 03 47	0 0200 00	0 26 26
Média	**2 80 11/64**	**0 89 57/64**	0 05 46	0 11 20	**0 37 72**	**0 0028 11/16**	**0 23 29**	**0 19 35**	**0 03 48**	**0 0200 3/32**	**0 26 29**

Índice

Pág.

COLABORAÇÃO:

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICA:

A ÁRVORE E SEUS BENEFÍCIOS

Comissão de Propaganda do Reflorestamento — Campinas - Est. S. Paulo

O inesquecível silvicultor Eng.º Agrônomo Edmundo Navarro de Andrade, fundador dos hortos florestais da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, assim escreveu: — "E' bem conhecido o efeito desastroso do vento sôbre as plantas, principalmente sôbre as árvores frutíferas dos pomares. A agitação dos ramos, quando não os parte, atraza-os, diminue-lhes o crescimento, influindo, consideràvelmente, sôbre a quantidade e a qualidade dos frutos. Do lado exposto ao vento, as árvores não têm flôres nem frutos e ficam, muitas vezes, despidas de fôlhas".

Entre as aplicações interessantes e valiosas da árvore, compreendido, também, o efeito paizagístico, nas regiões agrícolas, se destaca a formação de QUEBRA-VENTOS. "As estatísticas, nos diversos países, provam que os pomares, protegidos contra o vento, produzem 3-4 vezes mais; as árvores ficam mais resistentes contra as diversas pragas vegetais e animais e até os frutos ficam mais saborosos".

Experiências levadas a efeito na Rússia, provaram que o rendimento de uma cultura de alfafa situada entre cortinas florestais, resultou bastante superior ao obtido em cultura exposta aos ventos, situada em campo aberto. — A própria lavoura cafeeira muito tem a lucrar com a formação de quebra-ventos. — A erosão eólica (ação dos ventos sôbre o solo), da qual resultam o ressecamento das terras de cultura, as nuvens de poeira (agentes disseminadores de micróbios, de moléstias entre as quais o tracôma), a perda da camada cultivável, da camada vegetal, do solo, transportada para longe, a formação lenta, enfim, mas segura, do DESERTO nas zonas rurais, são males que poderemos evitar com o estabelecimento de cortinas florestais, contribuindo, por outro lado, para a proliferação dos pássaros, nossos grandes amigos na luta contra as pragas da agricultura.

Essências bastante indicadas para a formação de quebra-ventos são encontradas na preciosa família das LEGUMINOSAS, constituida por árvores que fixam o azôto no solo, fertilizadoras, portanto. A TIPUANA speciosa, o ANGICO vermelho (Piptadênia macrocarpa, Benth), são essências florestais indicadas para a formação de quebra-ventos, sendo a primeira exótica e a segunda indígena. Quanto ao Angico, devemos considerar que poderá ser racionalmente explorada a sua casca, para cortume, extraindo-a em sentido longitudinal, permitindo assim, sua reconstituição. O corte circular da casca, acarreta a morte da árvore, dado que impede, totalmente, a circulação da seiva — do "sangue" do vegetal.

Não devemos empregar o EUCALIPTO, porquanto, além de ressecar o terreno não permite a nidificação, impedindo a proliferação dos pássaros insetívoros, destruidores de pragas. Essa essência florestal exótica deve ser destinada, exclusivamente, à produção de lenha, de combustível, e plantada em terras sêcas. Digamos, de passagem, que o Angico, além de crescer, também, ràpidamente, fornece lenha, madeira e casca para cortume, e, o que não deixa de ser importante, fixa o azôto no terreno, melhorando-o, portanto.

Sementes de essências florestais são fornecidas pelo SERVIÇO FLORESTAL do MINISTÉRIO DA AGRICULTURA — rua Pacheco Leão n.º 2.040 — Rio de Janeiro, D. F. e pelo SERVIÇO FLORESTAL DO ESTADO — Caixa Postal n.º 1.322 — São Paulo. Possìvelmente obteremos sementes de ANGICO em a Estação Experimental do Ministério da Agricultura, em Botucatú — E.F.S. e no Hôrto Florestal do Estado, em Baurú — L. Paulista. Sementes de TIPUANA speciosa poderemos conseguir, em pequena quantidade para cada interessado, da Prefeitura Municipal de Campinas, que emprêga essa essência florestal exótica na arborização da cidade.

Tip. AURORA Ltda — São Paulo